

# NARRA TIVAS AFRO- CURITI BANAS

Histórias de luta, de dor e  
do orgulho negro em Curitiba.



CURITIBA

# CONTAR HISTÓRIAS É VALORIZAR O QUE SOMOS E DE ONDE VIEMOS.

O cenário do peculiar clima curitibano, com pinheiro e gralha azul, revela belezas e contradições que só quem anda por aqui conhece, como as pessoas que, no cotidiano, erguem suas vozes para ressignificar suas memórias no tempo e espaço, negras e negros que em Curitiba escrevem sua história, registraram seus momentos, anseios e conquistas. Aqui, histórias silenciadas saíram do anonimato e nos presentearam com narrativas repletas de lições de coragem, resiliência, persistência e insistência pela ocupação do seu lugar de direito.

A Rede Municipal de Educação de Curitiba é formada por uma diversidade indescritível de pessoas que entrelaçam suas histórias, seus amores, seus sonhos, perspectivas e lutas. E, para que esta riqueza ficasse registrada de alguma maneira, surgiu - em 2019 - a ideia de reunir narrativas de algumas destas pessoas admiráveis.

Por meio do convite da Assessoria dos Direitos Humanos - Políticas de Promoção da Igualdade Étnico-racial à Secretaria Municipal de Educação, a Coordenadoria de Equidade, Família e Rede de Proteção (CEFAR) começou um trabalho em todas as unidades educacionais da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, no sentido de incentivar o envio de contos, lendas, narrativas e memórias afro-curitibanas que construíram e constroem histórias em Curitiba. O convite extrapolou os muros das unidades educacionais e contou com a participação da comunidade.

Em consonância com a lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, com as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e com o Currículo da SME (Secretaria Municipal de Educação) - Diálogos com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), essa proposta objetivou a promoção, a valorização e o reconhecimento da presença da população negra em Curitiba.

A coletânea de histórias afro-curitibanas capta a grandeza das vivências de homens e mulheres, negros e negras, e promove o debate sobre o desafio de desenvolver posturas antirracistas, rejeitando qualquer tipo de discurso que inferiorize e desumanize qualquer pessoa, destacando o respeito às diferenças e singularidades.

Concretizar os aspectos da história e cultura africana e afro-brasileira requer diálogos constantes, trabalho coletivo e articulado na busca permanente do reconhecimento, respeito e valorização de todas as culturas, histórias e memórias.

A semente foi lançada, as histórias reunidas, a vivência registrada.

Que outras histórias possam ser contadas!

**Secretaria Municipal de Educação**

Curitiba, 2020

# “É PRECISO UMA ALDEIA INTEIRA PARA EDUCAR UMA CRIANÇA.”

Ditado africano

De forma desafiadora, esta gestão assumiu o compromisso de romper com a fragmentação que marcou a ação municipal em relação à Promoção da Igualdade Étnico-racial. Pautando sua ação no sentido da eliminação das desigualdades raciais em Curitiba, considerando o que preconiza o Estatuto da Igualdade Racial - lei nº 12.288/10, inovou ao estruturar a Assessoria de Políticas de Promoção da Igualdade Étnico-racial, vinculada à Assessoria de Direitos Humanos, dentro do organograma da Secretaria de Governo Municipal – SGM. Com o objetivo de formular, articular e coordenar políticas públicas que envolvem diferentes setores de instituições públicas e privadas e a sociedade civil organizada, observando a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, que diz:

“Há uma equação a ser enfrentada em nosso país: 513 anos de nação, 400 vividos sob o regime do escravismo e apenas 115 anos de liberdade – ao menos formal – para mais da metade da população. Somado o período do escravismo àquele que se seguiu pós-abolição, marcado pela mais absoluta omissão estatal em face das desigualdades e das discriminações raciais, contabiliza-se uma trajetória de exclusão social e econômica dos descendentes de africanos”.

Neste sentido, a história do negro no Brasil acontece em conformidade com o conceito antropológico da alteridade, pois expressa a forma como os indivíduos se relacionam com as demandas cotidianas de lutas e superações e constroem suas memórias através das narrativas de suas lembranças que transmitem de geração para geração, obtendo como resultado a produção de elementos que constituem a cultura material e imaterial do povo negro. Com base nesta afirmação, vemos crescer as ações do Movimento Afro-futurismo, criado na década de 60, tendo como premissa a valorização da ancestralidade em consonância com a tecnologia, com o objetivo de projetar as narrativas dos afrodescendentes no futuro.

E assim nasce o Projeto de Publicação das Narrativas Afro-curitibanas, que traz uma série de narrativas que mostram personagens e fatos, tornando-os públicos através desta obra, como também abre a possibilidade da continuidade para outras famílias relatarem suas histórias. Esse trabalho surge como uma boa-nova nos horizontes de produção de conhecimento e cultura na capital, para desconstruir mecanismos que perpetuam o racismo e promover o reconhecimento das histórias vivenciadas pelos afro-curitibanos.

As Narrativas Afro-curitibanas contribuem para a efetivação da lei nº 10.639/03, que determina a inserção da História e Cultura Afro nos currículos escolares e ajuda a suprir uma lacuna na produção de memória histórica de Curitiba, proporcionando às futuras gerações de Curitiba orgulho da História de luta e resistência de seus ancestrais. E a possibilidade de uma sociedade mais inclusiva.

**Assessoria dos Direitos Humanos -  
Políticas de Promoção da Igualdade Étnico-racial**

Curitiba, 2020

# SOU GENTE

**Patricia dos Santos**

Nasci gente...

Nasci gente que convive e gosta de gente.

Nasci gente que gosta de jogos de videogame, de filmes, de skate, de música...

Sou gente que estuda, que trabalha, que ri, que chora, que acerta, que erra, que ama, que odeia, que idealiza, que tem esperança.

Sou gente como qualquer gente.

Que tem alegrias e tristezas, que se decepciona, que se surpreende, e que muitas vezes sente dor.

Ah! E como sinto dor.

Sinto dor todas as vezes que a viatura de polícia diminui a velocidade, pois sei que mais uma vez vou enfrentar uma abordagem violenta e humilhante.

Querem saber aonde estou indo, querem que eu tire meus sapatos, minhas meias a procura de algo ilícito.

Revistam minha carteira e quando tenho alguns trocados sempre insinuam que é dinheiro de venda de entorpecentes.

Dói quando gentilmente no meu trabalho peço licença a uma senhora e ela se assusta, pois preto e pobre é ladrão mas, nesse caso, eu era um funcionário, então tudo bem.

Dói quando em uma comemoração de um campeonato de futebol, um torcedor do time adversário me chama de macaco e quem ouve acha natural.

Não é possível naturalizar a minha dor e discriminar a minha cor.

Minha cor me impede de mostrar quem eu sou, o que trago em mim.



Mas mesmo assim me orgulho dela, reconheço minhas raízes, minha força.

Privilégios? Não quero.

Equidade? Eu mereço!

Espero um dia poder dizer que toda essa gente se ama e se respeita pelo que vem na nossa alma e jamais pela nossa pele.

No fundo, no fundo, todos nós somos gente: diferentes em personalidade, mas iguais em direitos.

### **RACISMO E INJÚRIA RACIAL**

Esta história demonstra o sentimento das pessoas que sofrem racismo.

**Racismo:** a ação de discriminar todo um grupo social, por causa de sua raça, etnia, cor, religião ou origem. O crime de racismo é imprescritível e inafiançável e a pena varia entre 1 a 5 anos de prisão.

**Injúria Racial:** a ofensa feita a uma determinada pessoa com referência à sua raça, etnia, cor, religião ou origem. Assim como o racismo, a injúria racial também é crime. A intolerância religiosa é uma forma de racismo e que muitas vezes leva à injúria racial. Pode ser identificada quando a pessoa se sentir discriminada por usar qualquer símbolo da sua religião, bem como se for impedida de acessar um serviço público ou privado por estar caracterizada de acordo com sua fé.

# DE MENINA A MULHER NEGRA CURITIBANA

**Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi**

Nascer e crescer em Curitiba, uma cidade dita europeia, é um tanto complicado para uma menina negra. Mas, antes de tudo, uma viagem ao tempo se faz necessária. Minha mãe negra e mineira, aos dezessete anos de idade, mudou-se para o norte do Paraná em busca de uma vida melhor. Ela não pôde frequentar a escola e sua alternativa foi trabalhar como empregada doméstica. Em um desses trabalhos, aos vinte e quatro anos, ficou grávida do patrão, um homem branco. Ao contar que estava grávida, recebeu duas ofertas: realizar um aborto ou morar em uma casa mantida por ele submetendo-se as suas visitas esporádicas com discrição.

A proposta não agradou minha genitora, então, ela resolveu mudar de endereço e de emprego, para a cidade de Curitiba. Nos últimos dias da gestação, ela sofreu uma tentativa de estupro do novo patrão e, para se defender, ela o empurrou ferindo seu agressor. Irado, ele a avisou que, assim que o bebê nascesse, ela seria demitida e ainda a ameaçou para não contar para a patroa o ocorrido.

Quando eu nasci, no dia 18 de novembro de 1975, ela ficou uns dias desempregada e, após quinze dias, recomeçou a trabalhar, desta vez para uma professora da Universidade Federal do Paraná, que veio a ser minha madrinha, ou Dinda. Minha mãe e eu residíamos em uma casa nos fundos da residência da patroa, na Rua Brigadeiro Franco, endereço onde permanecemos até meus cinco anos de idade.

Nesse período, a figura paterna era representada por minha madrinha. Ela me contava histórias e me preparou para a sociedade racista, sempre dizia: “Você é negra e, para ocupar o mesmo espaço de uma pessoa branca, tem que ser muito melhor que ela.” Ao estudar em uma pré-escola particular, com apenas três anos, comecei a perceber que eu era diferente das outras crianças e me achava feia.

Quando completei cinco anos, minha mãe mudou de emprego. Sofri longe da Dinda, mesmo que ainda mantivéssemos contato. Passava as férias em sua casa e ela sempre enfatizava a minha obrigação de ser a melhor aluna da turma. Eu me deleitava em leituras, ela possuía uma biblioteca particular e eu podia acessá-la livremente. Era maravilhoso viajar no mundo da imaginação a cada história!

Minha mãe me levava para passear aos domingos no Passeio Público, era prazeroso brincar no balanço e sentir o cheiro de pipoca e espetinho! Às vezes, dava para comprar uma pipoca e dividirmos e, em raras ocasiões, comíamos espetinho. Também passeávamos no parque Alvorada, claro que não dava para brincar nos brinquedos, pois eram pagos, mas só a oportunidade de olhar todo aquele movimento me encantava.

O tempo passou, eu tive outros três irmãos e um padrasto muito querido que considero meu pai. Entretanto, a alegria durou pouco, um dia ao voltar do trabalho meu padrasto sofreu um assalto, reagiu e foi morto a facadas. A perda causou depressão em minha mãe, que ficou viúva e com quatro filhos órfãos para criar. Morávamos de aluguel em péssimas condições. Para ajudar no orçamento, comecei a trabalhar de babá e doméstica, aos doze anos de idade, por meio período. Minhas tias, com boa intenção, aconselharam minha mãe a tirar os filhos da escola, para trabalhar em período integral. Minha sábia mãe não acatou a sugestão. Ela nos manteve estudando e dizia que somente com o estudo poderíamos ter uma chance de melhorar nossa situação de vida.

A carência financeira se traduzia em roupas rotas e sapatos grandes ou apertados, os quais nos eram doados, meias eram artigos de luxo. A “mistura”, carne ou ovos, era algo raro. Muitas vezes se resumia em apenas um ovo, acrescido de farinha e devidamente repartido entre nós cinco.

Durante a infância e a adolescência, também tenho gratas lembranças de brincadeiras na rua que incluíam: subir em árvores, pular elástico, pular tábua, jogar bets e bolinha de gude, mesmo que tenham rendido joelhos ralados. E ainda outra recordação se faz presente: assistir televisão na casa do vizinho, e desejar que os donos da casa fizessem silêncio, para eu saborear a programação, até minha mãe chamar e eu ter que voltar correndo para casa!

Em minha vida acadêmica estudando em escola pública, eu sempre tentava ser a melhor aluna da sala e ficava entre primeiro e segundo lugar, entretanto, não lembro de ter recebido afeto de algum professor. Em certa ocasião, um aluno me apelidou de Etiópia, por eu ser negra e pobre. Além disso, haviam as piadinhas com o cabelo. A dúvida em relação à minha identidade me perseguia: em casa eu era a de pele mais clara e tinha os cabelos cacheados elogiados, já na escola, eu era negra de cabelo ruim. Lembro-me que me apaixonei pela história do Egito e nem ao menos soube na época que se tratava de um país africano. Em minha cabeça, reforçado pelo cinema, a Cleópatra era branca.

Em 1991, minha mãe foi sorteada pela COHAB (Companhia de Habitação Popular de Curitiba) e mudamos do bairro Pilarzinho para o bairro Umbará, nessa época eu iniciei o Ensino Médio. Ao procurar emprego de recepcionista, não consegui mesmo com a formação necessária para a função. Hoje sei que a cor de minha pele influenciava na não contratação para o cargo.

Nossa nova casa era composta de duas peças de madeira e sem banheiro, o que construímos para esta função era chamado carinhosamente de “casinha”, sem saneamento básico e desprovida de chuveiro, aos poucos fomos construindo uma casa de alvenaria e, ao mesmo tempo, pagando corretamente o terreno financiado.

Cursei o Ensino Médio em Magistério, concluído em 1995. Neste mesmo ano, trabalhava como balconista em uma panificadora e pedi a conta para trabalhar em uma escolinha particular, como estagiária e com salário menor, dentro da minha área de

formação. Em 1996, me tornei mãe de um lindo menino, o medo e insegurança me invadiram, então, a figura guerreira de minha mãe com todo seu apoio foi fundamental para a responsabilidade de ser mãe solo. Em 2000, minha madrinha faleceu de câncer e quem cuidou dela foi minha mãe, eu a visitava nos finais de semana.

Continuei a estudar e trabalhar em escolas privadas de Educação Infantil. Fiz seis meses de cursinho particular e passei no vestibular da FAP - Faculdade de Artes do Paraná, no curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas. Um ano antes de concluir a graduação, em 2004, comecei a trabalhar como PSS na Rede Estadual do Paraná. Ao concluir a graduação, passei nos concursos para professora em Curitiba e no Estado do Paraná, e também fiz especialização em arte-educação.

Na Rede Pública Estadual e Municipal, onde trabalho, vejo um maior número de estudantes negros e pardos. Estes muitas vezes com medo ou vergonha de se assumirem como tal. Por isso trabalho as relações raciais e atitudes antirracistas a partir da valorização do negro e negra em relação a sua cultura, conhecimento, riquezas, beleza e direitos. Com esse trabalho vejo brilho nos olhos dos meus alunos ao construírem sua identidade.

Aceitar-se é um grande passo para uma educação emancipatória. Eu não tive essa oportunidade e não me aceitava. O que me fez usar os mais diversos produtos químicos, para manter os cabelos lisos, por aproximadamente vinte anos, e tentar me aproximar do padrão branco. Hoje, assumi meus cabelos e minha negritude. Além disso, tenho mais franqueza ao falar com meus alunos e enfatizar o quão belos são e que seus cabelos são lindos.

Meus irmãos estudaram, um é torneiro mecânico, outra é professora, e a mais nova é técnica em prótese dentária e está se graduando em Odontologia. No momento, sou professora em Curitiba e no Município de Araucária. Minha inquietude e vontade de aprender me levaram até o mestrado que estou cursando na Universidade Federal do Paraná. Eu ainda terei muitas histórias para contar.

#### Como podemos praticar o ANTIRRACISMO?

**Não basta ser contra o racismo, a sociedade precisa ser também antirracista. É importante que a pessoa branca entenda que ela também tem o seu lugar de fala dentro do movimento antirracista, porque todos nós temos responsabilidade diante de uma situação de racismo. Para isso, ela pode se informar sobre o racismo, estudar o assunto, conviver e conversar com pessoas negras para entender como o racismo funciona e para reconhecer algumas práticas racistas e evitá-las. Este é um dever de todas as raças e de todas as cores.**



## MINHAS EXPERIÊNCIAS COM MEUS FILHOS NO CMEI DE CURITIBA

**Laudelina Fátima Klem da Silva**

Meus dois filhos mais velhos iniciaram no CMEI no ano de 1992. Meu filho com 3 anos estava no Maternal II e a minha filha no Pré. Eles sofreram todo tipo de discriminação devido a sua cor. Nas brincadeiras eram sempre deixados de lado, ninguém queria pegar na sua mão e nas dramatizações realizadas sempre faziam papel de árvores.

Uma vez me chamaram para conversar acusando meu filho de roubar uma planta. Lembro como se fosse hoje a fala que ouvi: “Nós te chamamos para conversar porque hoje é uma planta, amanhã Deus sabe o que será, né?”. Eu precisava da vaga, necessitava trabalhar e minha autoestima não era das melhores, por isso engoli calada e não questioneei nada. Resumindo, quando meu filho saiu do CMEI e foi para a escola o levei para fazer terapia psicológica a fim de superar o trauma. Hoje, ele é um homem bem resolvido e muito querido por todos.

Graças a Deus, atualmente, os profissionais da educação que atuam com as crianças são mais preparados, fazem formações continuadas e estão sempre se atualizando. Minha caçula iniciou no CMEI em 2007, no berçário e foi muito bem recebida. O ambiente era acolhedor e as professoras sempre muito afetuosas, queridas e dedicadas. Minha Sofia sempre foi muito segura e bem resolvida, mas quando chegou ao Pré começou a mudar seu comportamento. Fui chamada para conversar a respeito do que acontecia e através da investigação da professora, uma pessoa muito sensível, descobriu-se que ela estava sofrendo discriminação. Então, essa professora deu início ao projeto sacola da leitura com a confecção da mascote da turma: uma boneca negra. As crianças levavam o livro e a boneca para casa e tinham que cuidar da mesma além de fazer um relato com a ajuda dos responsáveis ou através de desenho de como foi a leitura e a visita da Maria Eugênia. O comportamento da minha filha melhorou e ela voltou a ser a menina alegre de antes.

O tempo de CMEI acabou e ela foi para a escola, também do município, sempre muito elogiada pela sua interação com todos. Quando estava no segundo ano, durante a

entrega do parecer descritivo, a professora me contou que observou seu comportamento quando uma colega disse: “Sofia, eu queria ser sua amiga, mas meu pai disse que pessoas brancas não se misturam com pessoas pretas” e, muito segura de si, ela respondeu: “Não estou nem aí. Se você não quer ser minha amiga, problema seu”. Fiquei muito feliz em saber que minha filha não se abateu pelo comentário inocente da coleguinha. Dias depois em uma visita ao antigo CMEI que frequentava, ela se deparou com uma exposição étnico-racial, onde além de figuras afro, também estavam expostas bonecas “Abayomi”, história que conta a trajetória dos africanos que migraram do sul da África para a América. Diante disto, ela exclamou maravilhada: “Este CMEI me representa”.

Hoje, graças ao olhar sensível daquela professora do CMEI e ao acolhimento de profissionais preparados, minha filha é uma pré-adolescente bem resolvida e não se envergonha da sua cor e da sua origem.

### **RACISMO INSTITUCIONAL**

Em situações como essa, observamos o chamado Racismo Institucional, que é um tipo de racismo que sai da esfera da pessoa e acontece na esfera das instituições, por meio de práticas discriminatórias e segregadoras. Elas dificultam a participação e o acesso de determinados grupos a esses espaços: dados mostram que os negros têm menos acesso à escolaridade, aos empregos, à saúde, à ocupação em altos cargos e maior taxa de desemprego.

Além disso, a população negra faz parte do maior índice de encarceramento e a menor participação em cargos públicos. Um exemplo prático: quando uma pessoa negra não é atendida em uma loja, porque se estabelece um preconceito de que trata-se de um marginal ou de alguém sem poder aquisitivo. **É preciso que as instituições enxerguem as pessoas negras de uma forma mais positiva, para que o racismo institucional não se repita.**

# PRECONCEITO DEIXA MARCAS, MAS É PRECISO SUPERAR

Aline Silva de Jesus Pietrzaki

Pensei muito ao ter que escrever sobre este tema, preconceito, pois anos de minha vida tive que conviver de forma dolorosa emocionalmente com isso.

Me chamo Aline, tenho 37 anos.

Ainda pequena, enfrentei por diversas vezes o preconceito por conta da cor da minha pele e o cabelo ser crespo, por nessa época morar próximo de uma colônia de pessoas de outra nacionalidade, por algumas vezes eu e meus irmãos éramos xingados de pretos, encardidos, piolhentos, etc.

Na escola, era visível a preferência por alunos brancos de alguns professores da época. Tive até como experiência uma professora inesquecível para mim, “Margarida”. Essa professora de pele clara e cabelos grisalhos me tratava muito mal. Eu cursava o 3º ano (série), e apresentava dificuldades ao escrever a consoante “V”. Como ela era professora de Matemática, sempre havia nos problemas o tal “Resolva” e eu me batia para escrever. Quando ela percebeu essa dificuldade que eu tinha, meu Deus, ela me perseguia e perturbava, gritava para sala inteira ouvir “esta pretinha além de tudo é burra”. Por conta de tudo o que passei naquele ano, reprovei.

Em casa, infelizmente, fiquei por anos sem usar as cores verde e vermelho, porque minha mãe dizia que pessoas pretas ficavam horríveis com essas cores, o que me entristecia na época, porque eu gostava muito da cor vermelha.

Quando cheguei na minha adolescência, a parte do preconceito pelo meu tom de pele passou, pois neste período estava morando em São Paulo, porém lá comecei a sofrer por conta do meu cabelo, que tinha um bom comprimento, e para que eu não pegasse piolho minha mãe fazia uma trança de cada lado – pra quê? Levei apelido de “chifruda”, “chifrunilda”. Ninguém me chamava pelo nome na escola. Eu chorava e sofria muito! Até que, um dia por castigo, meus pais cortaram meu cabelo rente ao couro cabeludo, fiquei parecendo um menino.

Ao chegar na escola fui recepcionada com comentários como “temos um novo menino na sala” (risadas dos colegas).

Fiquei por anos sem usar as cores verde e vermelho, porque minha mãe dizia que pessoas pretas ficavam horríveis com essas cores.

Passando alguns meses, meu cabelo cresceu e, como é crespo, cresceu para cima, assim veio um novo apelido: “capacete”. E assim foram se passando os anos e cheguei na vida adulta. Fui trabalhar em uma loja onde uma das clientes se negava a ser atendida por mim, por eu ser “de cor”. Isso foi o mais recente, 10 anos atrás.

Por conta de tantas coisas que sofri, por anos alisei meu cabelo, e carrego comigo problemas com autoestima e insegurança, mas venci o preconceito por hoje ter assumido meu cabelo crespo e me amar como sou.

Hoje ainda vemos muito preconceito, as pessoas pensam duas vezes no que vão falar devido às leis, mas por dentro tais pessoas ainda possuem muitos julgamentos e piadinhas maldosas, elas não expõem o que pensam.

### **BULLYING**

Aqui, a personagem teve suas características físicas reforçadas de maneira negativa, quando isso acontece observamos o *bullying*.

O racismo também está ligado à aprendizagem, pois infelizmente o *bullying* contra crianças pretas é comum, muitas sofrem preconceito por conta da cor de sua pele ou pelo cabelo. Algumas são agredidas, através de gestos e xingamentos, ou pode ocorrer de forma indireta, que é quando a criança é excluída das atividades e brincadeiras ou é tratada de forma diferente. As vítimas de *bullying* podem sofrer de baixa autoestima, depressão e outros transtornos mentais. Além disso, o *bullying* prejudica o desempenho escolar das crianças, jovens e adultos, fazendo com que queiram faltar às aulas e desenvolvam problemas de saúde. Por isso, os professores, pais e comunidade escolar devem ficar atentos e ensinar sobre o respeito às diferenças, além de tomar providências quando forem testemunhas de uma situação de *bullying*.





## RELATO DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIANA APARECIDA SIMIÃO MESSIAS

**Luciana Aparecida Simião Messias**

Vim do interior do Paraná com meus pais e resido em Curitiba desde os 16 anos. Sempre fui uma pessoa feliz com minha cor, amo dizer que sou negra, descendente de negros, orgulhosa disso. Porém, depois que descobri a tal da progressiva (procedimento que alisa os cabelos), não me permitia mais ter cabelos crespos e cacheados. Assim, passei a alisá-los e colori-los, fazendo de tudo para não ser uma negra por completo.

Em 18 de dezembro do ano de 2015, um exame deu início a uma mudança de vida, um diagnóstico que transformou para sempre minha vida e meu cabelo: um câncer no ovário esquerdo levou-me a uma cirurgia de histerectomia, tumor benigno em nível 3. Fui submetida a seis sessões de quimioterapia, que iniciaram em 1º de março de 2016 e findaram em 21 de junho de 2016. Senti então, que veio algo pior – perdi todo meu cabelo! Foram momentos de muita luta, coragem e desafio, porém, minha fé ajudou-me a superar todos esses momentos. Foram dias difíceis, mas venci.

Em agosto de 2016, meus cabelos voltaram a crescer e, junto com eles, a expectativa de como seriam: crespos ou lisos? Voltaram crespos e cacheados e eu me surpreendi, pois me redescobri linda com meus cachos. Assim, no dia a dia, brinco, manipulo, mudo o visual e amo meu crespinho. Hoje, eles estão mais curtos e aprendi que minha marca maior é aceitar-me como sou, amando-me e sendo do meu jeito!

# MINHA HISTÓRIA

## Rubieni Santos do Amaral

Não é de hoje que tenho vivenciado histórias de negros e negras que moram em Curitiba, até porque sou uma pessoa negra.

Meu nome é Rubieni Amaral, tenho 40 anos e nasci em Curitiba. Tive minha infância muito bem vivida com meus irmãos e meus pais, e morávamos no bairro Nova Orleans, onde tinham vários negros.

Sofremos preconceito por algumas pessoas na escola mas, mesmo assim, conseguimos fazer muitas amizades, inclusive de pessoas de outras raças.

Minha mãe era professora em uma escola pública e sempre nos ensinou a enfrentar o preconceito e aproveitar a vida sem nos afetar com comentários e apontações. Meu esposo não nasceu em Curitiba, mas também é negro, e temos muitos amigos que são negros e de outras raças também.

Existe em Curitiba uma feira afro que mostra trabalhos artesanais realizados por pessoas negras e acho muito legal, pois ela é frequentada por todas as pessoas, também tem casas de samba, lojas especializadas com produtos, roupas e acessórios afros. Acho muito importante mostrarmos nossa descendência, nossas origens e contar histórias para que todos possam conhecer nossa cultura, não só sobre os negros, mas sobre todas as raças.

Meus filhos também são afrodescendentes e eu procuro sempre mostrar para eles nossa raça. Minha filha usa cabelo afro e ama usá-lo, pois já entendeu que tem que ser como ela é, e não como a sociedade impõe. Na verdade, procuro ensiná-los que somos todos iguais. E pensando bem, somos todos afrodescendentes, pois o Brasil foi povoado por escravos e, a partir daí, fomos todos misturados. O Brasil é feito de miscigenações e muitas pessoas ainda não entenderam isso. Gostaria muito que, nas escolas, ensinassem que somos todos iguais e que podemos conviver todos juntos.

Acho muito importante os pais orientarem seus filhos a não ter nenhum tipo de preconceito, para que possamos viver bem felizes e ter uma vida sossegada, porque se os filhos estão bem, nós vivemos bem também.

Tenho orgulho de ter essa raça e tento passar isso para meus filhos, para que eles sintam o orgulho de nossa raça também.



### REPRESENTATIVIDADE E ACEITAÇÃO

É importante que a sociedade entenda a importância da aceitação e representatividade do povo negro. Para isso, precisamos entender o que é alteridade: ela fala sobre a visão do “eu”, que só se constrói com a relação com o outro. É sobre a construção de identidades coletivas e individuais, que só se estabelecem quando percebemos o que uma pessoa tem em comum ou diferente da gente. **Se faz importante que a nossa sociedade invista na representatividade positiva da pessoa negra em nossos meios, assim é possível ressignificar e transformar construções racistas ligadas à imagem do negro. É uma forma de mostrar para a população que as características da pessoa negra são tão bonitas quanto as características de outras etnias. A representatividade é essencial para o enfrentamento ao racismo.**

## RELATO DE: VIVIAN ROSANE DOS SANTOS NUNES (MÃE DA LUIZA E SARAH) HISTÓRIA AFRO

**Vivian Rosane Dos Santos**

Ser negra em pleno século XXI (conquistas/respeito/igualdade). Começo meu relato refletindo sobre a minha história, olhando para trás me considero abençoada, não quero dizer que o preconceito esteja aniquilado, não mesmo. Infelizmente, na sociedade, nos deparamos com tristes relatos que nos mostram que precisamos conscientizar muitos cidadãos, ou perdurará por tempos este conceito. Revivendo lembranças do passado vejo que houve progresso; quando lembro de histórias vividas pela minha bisavó, que foram contadas, a mim e à família, as experiências que a senhora Idalina viveu na senzala, pois era escrava.

Meu sogro traz relatos de sua juventude que fizeram eu ter uma imensa vontade de conhecê-la, abraçá-la. Fatos que me ajudaram a construir uma imagem: sua palma da mão era grossa, pois era ali que o 'senhor' seu dono deixava a brasa do seu cachimbo para acender quando ia fumar. Ela era ligeira para cumprir as tarefas que eram destinadas a ela, e para o cumprimento dessas tarefas era determinado um tempo: a cuspidinha do patrão no chão. Ela tinha que terminar antes da cuspidinha secar, era um dos costumes do seu benfeitor em dias quentes quando realizava seus passeios. A consequência da recusa dessas tarefas era ir ao tronco para que todos assistissem ao castigo, mas antes tinha a diversão dos senhores: usavam um balde com furos, colocavam água, e o mesmo era colocado na cabeça dos escravos que iam para o tronco, com a promessa que se percorressem um determinado caminho e chegassem com a água estariam livres do castigo e logo depois se ouviam gritos de dor pelas chibatadas. São tantos relatos e histórias dessa mulher que me orgulho de ser negra e deixo



claro para minhas filhas que elas são lindas, que o cabelo crespo e as tranças são uma forma de honrar a nossa raça. Acredito que, realizando algumas ações, levantamos nossa bandeira, aceitamos quem somos e nos orgulhamos deste povo sofrido e da bisavó Idalina.

Quando faço uma reflexão das histórias de vida da minha família, me fortalece para continuar a lutar pelas pessoas, hoje sem os senhores (donos), e vejo quanto a caminhada avançou, mas o quanto precisa ser superada em uma sociedade que exclui as pessoas em razão da raça, religião e tantas outras maneiras. Olhem um para o outro, o que posso fazer para contribuir para um mundo melhor? Hoje sou eu, Vivian, que faço a minha história com minha família, para a cidade que vivo que nas últimas décadas vem criando políticas públicas e projetos de inclusão social para dar voz a estes grupos e, através deles, muitos direitos foram conquistados, a inclusão pode ser em diversas esferas, como na educação, na sociedade e na cultura. Esperança, força, luta, sonho, desejo é que, para um futuro, sejamos vistos e respeitados em nossas diferenças e garantir uma ressignificação e valorização cultural às matrizes que formam a diversidade cultural brasileira, e assim construir uma nova história.

### **O significado e a importância do Afrofuturismo**

Esta projeção da imagem das pessoas pretas no futuro, descrita na história da Vivian, tem um nome: AFROFUTURISMO. Esse movimento tem como premissa projetar no futuro as narrativas do povo preto, preservando a ancestralidade valendo-se de artifícios tecnológicos. Esse movimento teve início nos meios musicais com os cantores de jazz na década de 60 e o termo foi descrito academicamente pela primeira vez em 1993, por Mark Dery. O movimento rapidamente se espalhou por diferentes segmentos culturais, chegando aos quadrinhos, com a publicação da revista Pantera Negra, que traz a narrativa sobre um herói preto vindo de uma sociedade africana totalmente pautada na ancestralidade e na tecnologia. No Brasil, o movimento tem expoentes na literatura e vem sendo incorporado a diversas produções culturais. As Narrativas Afro-curitbanas vêm de encontro com esta proposta: por meio dela, homens negros e mulheres negras projetarão para o futuro as suas histórias de vida.

# MENINA AFRO-CURITIBANA

Melissa Reinerhe por Glória Candiero

Meu nome é Glória e eu sou preta e branca - sou uma menina afro-curitibana. Eu gosto de brincar e ouvir histórias. Nasci em Curitiba e estudo na Escola Municipal Araucária. O Bairro Alto é o mais antigo de Curitiba. Tem uma vilinha que fica perto da capela do Atuba, a nossa primeira igreja.

Quando eu era pequena, a gente foi morar na Lapa. A minha melhor amiga era conguinta da Congada. A Congada da Lapa é muito linda, tem danças e roupas coloridas. Os versos são bem compridos, tem rei e rainha do Congo, tem soldado e embaixador. A minha amiga ainda é pequena, mas um dia ela vai ser a embaixadora da Rainha Ginga.

A nossa casa na Lapa era gigante, antiga e cheia de livros. Tinha jardim, horta e fogueira. Meu pai dava aula de tambor e de capoeira.

Os meninos da Congada escutavam as histórias que meu pai contava e eles nos contavam histórias dos quilombolas aqui da Lapa. Histórias muito antigas dos nossos ancestrais pretos e pretas, do Congo, de Angola, do Moçambique. Histórias da Vila do Príncipe. Histórias de todas essas vilas antigas faziam parte de Curitiba: Lapa, Castro, Guarapuava e Jaguariaíva...

A congada dança para São Benedito do santuário, no dia do santo preto, todo 26 de dezembro. Eu gosto de São Benedito. Ele é preto e cozinheiro como a minha avó. São Benedito era Etíope e não deixava ninguém ficar com fome, levava pão para o povo e fazia até milagre.

Eu também gosto de música. Na aula de capoeira a gente canta bastante. E eu aprendi a tocar pandeiro, fazer estrelinha e ir pra roda de rua, na Praça Tiradentes. Sou uma menina afro-curitibana e a capoeira me encanta.

Minha mãe disse que durante toda a gestação, ela fazia aula de percussão. Logo que eu nasci, pegava no sono com a batucada. Quando fiz um ano, já fui pra lavação. É uma festa tão bonita! A gente lava as escadarias com flores, perfumes e alegria todo dia 20 de novembro, no centro de Curitiba.

O centro histórico tem Linha Preta. Meu pai e minha mãe sempre me levam pra passear. Eles contam histórias de vitórias, histórias de dor e de resistência de um povo



que, diziam, não havia por aqui. Hoje, eu sei que chegaram antes dos imigrantes e contribuíram em todos os ciclos importantes da nossa cidade querida. Dançavam a congada na frente da antiga igreja dos pretos, faziam muita batucada e ensaiavam na antiga Rua do Fogo, antes dos batuques serem proibidos por lei, em 1829.

Às vezes, meu pai faz um bolinho de feijão que se chama “bolo de fogo”, o nome é acará. Meu pai diz que é um bolinho de Yansã, a senhora dos ventos. Mas o prato que eu mais gosto é a feijoada do Ogum. Eu adoro e sempre acabo comendo umas três pratas! Quando chega o temporal, a gente sai pra olhar os raios e ouvir as trovoadas. A mamãe fala “Eparrey, Oyá!” (que significa “Olá, mamãe dos nove!”) e o papai fala “Kaô, Kabiecilê!” (que significa “O rei chegou!”). É uma festa. Meus pais são maluquinhos e eu adoro isso!

Na família do papai, todo mês de setembro tem festa de São Cosme e São Damião, Doum e Alabá. A gente faz uns pacotinhos, come muitos doces e fala “Viva São Cosme e São Damião!” Meu pai disse que é uma tradição muito antiga, aprendida do pai do pai dele. E quando ele pede bolo de chocolate na panificadora, nunca deixa a moça chamar o bolo de nega maluca, que é falta de respeito e o bolo de baunilha nunca seria chamado de polaca chucra. Quando começa assim, senta que lá vem história. Ele pede pra chamar o gerente e a dona da loja: aí se segura, porque vai demorar.

Toda noite, antes de dormir, a minha mãe me conta histórias. Tem livro de princesas negras que me faz ter belos sonhos. Tem livro de bonequinhos pretas muito fofas, revolução dos bichos, panelas de barro e colheres de pau. Tem lendas, causos, histórias e memórias, tem segredos de menina pra ser tão pretinha, *black power* de Tayó e cabelos de Lelê.

O cabelo do meu pai é dread (é um estilo de cabelo caracterizado por um emaranhado de tranças, geralmente longas e finas). Minha mãe diz que é cabelo de algodão, porque ele é macio e todo enroladinho. Ele me disse que quando era criança, as professoras diziam que o cabelo dele era ruim e ele tinha pesadelo, achando que o cabelo ia pegar ele. Não existe cabelo ruim, o nosso cabelo é crespo, são nossas raízes e foi Deus quem fez assim. Ruim é o preconceito. Eu gosto do meu crespinho. A minha tia deixa o dela todo colorido, a vovó gosta de tranças e a minha mãe usa turbante. Eu prefiro deixar solto e, às vezes, de enfeitar meus gurumilos com laços bem coloridos.

Eu sou uma criança afro-curitibana e tenho duas heranças, da África e da Europa. Mas minha primeira palavra foi “miau”. O meu pai diz que eu sou mesmo é brasileira e que a caneta da história está em minhas mãos. Desde criança ele me dá uns caderninhos para eu escrever e desenhar o que eu quiser. Os meus pais fazem livros e o meu primeiro trabalho é como ilustradora.

Eu queria saber por que eles trabalham tanto. Eles trabalham na luta contra o racismo. Sonham e constroem todos os dias uma Curitiba melhor pra nós, crianças afro-curitibanas, e para todas as crianças, pra que elas conheçam as nossas histórias de verdade. Quando eles eram crianças, diziam pra eles que as nossas histórias eram de escravizados e escravizadores. Mas o papai conta histórias negras de reis e de rainhas, de poetas e poetizas, de engenheiros e mestres construtores, todos pretos e pretas. Ele gosta das histórias da nossa gente. Histórias afro-curitibanas. Histórias que a escola não conta. Será que um dia vai contar? Oxalá! Que Olorum nos abençoe. Zara Tempo! Só o tempo dirá.

**Ao relatarmos para as crianças sobre as histórias dos seus ancestrais e de sua cultura, estamos falando sobre a importância da tomada de consciência histórica e cultural da pessoa enquanto afrodescendente.**

**Essa tomada de consciência está relacionada com o processo em que a pessoa se percebe negra e se identifica com as suas raízes históricas e culturais, situações relacionadas com a formação da identidade de um indivíduo.**

**A partir do autorreconhecimento do indivíduo como negro, do resgate das suas raízes culturais e da tomada de consciência histórica de como o racismo permeia a formação da sociedade brasileira, esse indivíduo consegue perceber a importância de engajar-se na luta pela equidade racial, o que inclui questões como direitos iguais no acesso à cultura e educação, oportunidades iguais no mercado de trabalho, o fim da violência cotidiana contra as populações negras, etc.**

# ENTREVISTA COM SAUL DURVAL

**Esta entrevista foi feita com Saul Durval. A entrevistadora foi Maria Julia Ramos Cezar, estudante da Escola Municipal Marumbi da 4ª série turma B. Foi orientada pelo seu pai, Alvaro Rainolfo Cezar.**

**Qual é seu nome e quanto tempo você está morando em Curitiba? Qual a sua formação, você tem algum cargo de grande importância, para os afros curitibanos?**

Meu nome é Saul Dorval da Silva. Nasci em Curitiba, ou seja, há 51 anos, saí algumas vezes para morar fora, Brasília, São Paulo e Rio.

Formação em Jornalismo e Bacharel em Direito.

Fui Presidente do COMPER/CURITIBA – Conselho Municipal Étnico Racial e, no momento, sou Presidente do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial – CONSEPIR, além de ser Presidente do IBAF, Instituto Brasil & África.

**Desde a sua chegada em Curitiba, quais foram as suas dificuldades, caso tenha passado? Como as superou?**

Veja, dificuldades passamos várias, seja em Curitiba ou fora. Curitiba era uma das cidades mais preconceituosas do estado e do Brasil, a grande dificuldade enfrentada desde que nasci foi o racismo e o preconceito por ser negro, na mentalidade daqueles doentes, porque quem é racista, é doente, na minha opinião. Por outro lado, os preconceituosos não admitem que um negro possa ser bem-sucedido ou ter formação, na cabeça de alguns ainda estamos no tempo da escravidão! Mas sempre foi na área do trabalho e de relação interpessoal.

**Atualmente, na sua opinião, os “afros-curitibanos” tiveram avanço nos seus direitos? Quais foram?**

Sim, por conta da luta do movimento negro e daqueles homens e mulheres de bem, que lutam por uma sociedade mais justa e inclusiva. Um dos exemplos é a diminuição de homicídios da população negra curitibana, segundo dados do IPEA, além de mais inclusão da população jovem na Universidade Federal do Paraná, através das cotas raciais, que sim, é um crescimento socioeconômico, mas também por conta da visibi-



lidade dada as lutas contra o racismo e qualquer forma de discriminação. O curitibano é extremamente conservador e passou a ver com um pouco melhor a questão negra e sua luta.

#### **Quais foram as contribuições deixadas pelos “afro-curitibanos” para Curitiba?**

Inúmeras, mas principalmente sua cultura e arte. Para se ter uma ideia, para que Curitiba passasse a ser vila, aqui foi criado o pelourinho. Somente depois que foi criado, onde hoje é a praça Tiradentes, passou de povoado a vila, uma contribuição negativa, por conta da violência, mas não devemos esquecer das histórias. Do ponto de vista religioso, temos a Igreja dos Pretos situada no Largo da Ordem, além da formação das matrizes africanas e, para terminar, a construção da estrada de ferro Curitiba a Paranaguá pelos irmãos Rebouças, entre outras.

#### **Agradeço por esta entrevista. Deixo este espaço para suas considerações finais.**

Curitiba e o estado do Paraná são exemplos de luta para a população negra no Brasil, as principais ações afirmativas foram criadas primeiro aqui no estado, como cotas no serviço público criado por nós, casas populares para afrodescendentes, SOS Racismo, semana da consciência negra entre outras.

Eu que agradeço, lembre-se sempre que o caminho é pela Educação, um povo com Educação é um povo que respeita as diferenças, inclusivo e desenvolvido, livre de qualquer preconceito. Educação é a base de uma sociedade, assim como sua história.

#### **Importância dos negros na construção de Curitiba**

**A comunidade negra sempre teve uma grande participação na história de Curitiba: o primeiro presidente da província do Paraná era um homem negro. São idealizações de trabalhos de pessoas e profissionais negros: a catedral; o sistema de encanamento de Curitiba. No site “A Linha Preta” é possível ver todos os locais marcados pela passagem dos negros, bem como no livro “A presença negra em Curitiba”, que lembra dessa importância para a nossa cidade e faz parte das Ações Afirmativas, tão importantes para a comunidade negra. Elas reúnem todos os programas, ações e medidas adotadas pelo Poder Público e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais, promovendo a igualdade de oportunidades. Seus três principais objetivos: reverter a representação negativa dos pretos no país, promover igualdade de oportunidades e combater o preconceito e o Racismo Estrutural.**



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e acesse o livro:  
A presença negra em Curitiba.

(Parcial biográfica de Hermantina Teixeira Soares –  
in memoriam por seu filho Evaldo Teixeira Soares)

## A PANTERA NEGRA

**Evaldo Teixeira Soares**

Seria uma história comum não fosse o fato dela ser uma mulher com M maiúsculo, como ela mesma se descrevia... Entrei na sua vida aos seus quarenta e dois anos como o filho caçula de quatro irmãos.

Uma liderança na comunidade do Conjunto Bracatinga, que recebe este nome pela incidência de bracingais volumosos que haviam na região do Pilarzinho, ao sair da Avenida Fredolin Wolf, marcada por uma bifurcação repleta de pinheiros e pitangueiras – daí surge o nome de sua entidade carnavalesca: “Boca da Mata”.

Esta mulher com uma trajetória respeitável, veio para a cidade com quatro filhos e viúva de marido vivo, lutou nos anos oitenta e noventa para se consolidar como membro ativo da real situação da qual se orgulhava: ser pai e mãe, negra, mulher e idosa. Com atuação personificada no Clube de Mães, na Associação de Moradores e como síndica do Conjunto Habitacional Bracatinga.

Dona Tina trazia consigo o orgulho de entrar para o serviço público como zeladora e finalizar a carreira profissional como agente cultural, na Fundação Cultural de Curitiba, mesmo tendo cursado até a terceira série escolar apenas.

Foi ativista da União Cívica Feminina Paranaense, Conselheira na Federação das Mulheres (nos tempos da LBA), presidente do Bloco Carnavalesco Boca da Mata, presidente da Associação dos Blocos Carnavalescos de Curitiba – recebendo vários prêmios de relevância, como o Estandarte de Ouro – RIC TV, Personalidade do Ano e Menção Honrosa da Câmara Municipal de Curitiba.

Neste período, exerceu importante papel de líder comunitária estabelecendo diálogo interestadual acerca das questões da mulher, com atuação específica para as mães e crianças pequenas, o que originou a Creche Comunitária do Bracatinga.

Trabalhando como bilheteira nos Cines Ritz, Groff, Luz e Guarani, foi a Primeira Cidadã do Samba do Carnaval Curitibano/1999, foi recepcionista do Conservatório de Música Popular Brasileira, uma representatividade de seu tempo.

A própria pantera negra estampada no estandarte de sua agremiação carnavalesca e recreativa Boca da Mata, a representará em tantas participações nesta cidade que tanto lhe deu orgulho em viver em Curitiba.



### **A importância das mulheres negras na organização política e social de Curitiba**

Para entender o racismo e as questões relacionadas ao tema, precisamos entender a história do nosso país e como o sistema vigente contribuiu para a manutenção dessas relações. A Constituição Federal prevê o bem-estar de todos sem distinção de cor ou gênero, considerando o princípio da isonomia. Por isso, é importante incentivar a participação das mulheres e, em particular, das mulheres negras em espaços de poder e de tomada de decisões, considerando a sua vulnerabilidade e responsabilidade na criação de cidadãos e cidadãs conscientes do seu papel na sociedade.

# UMA HISTÓRIA DE VIDA

**Solange França dos Santos Marioto**

Sempre que se pensa em relatos, pensamos em pessoas famosas, que fizeram grandes coisas pela humanidade em geral ou mesmo na cidade ou estado em que viveram. Na maior parte do tempo, até mesmo essas pessoas foram pessoas normais, que têm um dia comum, como todos nós, e a maior vitória é enfrentar o dia a dia com aquele entusiasmo para levantar e fazer um por cento a mais a cada dia, mesmo sem a perspectiva ou a certeza de alguma mudança.

Pensando nisso, resolvi falar sobre uma pessoa comum, que a cada novo dia confia na educação e acredita que mesmo que o universo diga o contrário está fazendo algo significativo pela vida de algumas crianças.

Nascida em 1968, na cidade de Curitiba, regime militar, negra e de família pobre, um início como o de muitas histórias de personalidades... tinha como dia a dia o exemplo de muito trabalho, relação de submissão, racismo (muito mais explícito, mas menos entendido que atualmente) e um ambiente familiar onde a preensão, o acolhimento e as emoções não tinham muito espaço nem tempo para aparecerem. Em meio a esse contexto enrijecido, surge Solange.

Estudando em um colégio estadual, no bairro Boqueirão, onde não se podia ter opinião própria, tudo tinha que ser reproduzido igual o professor. Um fato que ficou marcado nesse período foi o desfile de 7 de Setembro, quando todos os alunos negros da escola tiveram que participar de um desfile. As meninas vestiram bermuda e camiseta, e os meninos, bermuda. Tiveram que desfilar descalços e com correntes nos braços feitos de papel, para representar os escravos. Num dado momento, soltavam pombas e as correntes eram cortadas (um fato muito triste).

Entretanto, trabalhando desde os 13 anos, Solange não teve tempo de viver uma infância com brincadeiras e sem responsabilidades. Viveu em uma casa de família, sendo tratada de maneira no mínimo inaceitável, mas que na época nem era questionável, permaneceu nessa situação por alguns anos até conseguir ir morar com a avó e retomar os estudos.

A ideia de “família margarina” estava longe de ser uma realidade, filha de uma mãe que precisava trabalhar muito e de um pai que tinha doença grave, desde muito cedo



foi necessário refutar essa realidade, o que não quer dizer que o sonho de ter uma família fosse algo impossível. Hoje, vive feliz em seu casamento.

Ao cursar o ensino médio teve seu primeiro contato com a educação em um estágio na Secretaria de Educação, mas o amor pelo ensino não começou na mesma época. Após o estágio, conseguiu um emprego de assistente administrativo e as coisas começaram a melhorar, mas a faculdade ainda era um sonho distante. Quando procurava emprego era barrada naqueles anúncios (precisa de assistente administrativo com boa aparência) que já estava certo que não aceitavam negros. Quantas portas fechadas, mas isso não a fez desistir. Após anos de trabalho, conseguiu prestar vestibular para administração, mesmo tendo sido aprovada não pode cursar pois o primeiro filho já estava a caminho.

Após muitas batalhas, trabalhos árduos, impossibilidade de trocar o calçado que já estava gasto pelo tempo, apenas aos 30 anos começou a faculdade de Pedagogia e a pós-graduação em Educação Especial, feita com muito esforço ao lado do marido, e que a levou a amável profissão de docência, que ainda exerce atualmente na Rede Municipal de Ensino, após 20 anos. Com desgastes, emoções, mas sempre com muito comprometimento, passar conhecimento e brigar por seus alunos é o que faz de Solange alguém que merece uma narrativa, como várias "Solanges", que embora não tenham seus nomes em praças ou em pesquisas na internet, mas sem as quais não se formariam nem mesmo as pessoas que são ditas dignas de narrativas e homenagens.

Essa história, então, foi um pouco para dizer o quanto a luta de muitas mulheres negras passa silenciada, invisível e mesmo desvalorizada na sociedade atual, que acredita e aplaude grandes feitos, mas se esquece que para chegar a eles é preciso o esforço e as lágrimas do dia a dia.



## ELA UNE TODAS AS COISAS, PASSADO E PRESENTE: 4 GERAÇÕES EM CURITIBA.

**Angélica Pereira da Silva**

Para realizar a escrita dessa história afro-curitibana, a Família Silva se reuniu e foi solicitado aos netos que escrevessem sobre a avó Angélica. Ela tem 60 anos e morou em Curitiba de 1977 até 2004 tendo muitas histórias para contar. Sua filha se encarregou de registrar essa experiência.

### **Neto mais velho:**

- Tenho em minha avó um exemplo de resistência, superação, persistência amor e dedicação. Desde muito jovem ela lutou para criar minha mãe. Sempre trabalhou muito, fazendo o que podia para sustentar a família. Dona Angélica ou vó do Rhuan, como é conhecida, ensina, aconselha, fala sobre família, Deus, amigos. É uma companheira, sempre cuidou de mim, me incentiva para fazer boas escolhas, quer ver todos felizes. Ela é a base de tudo que conheço. Se eu tivesse que escolher uma avó, outra vez a escolheria, pois o amor que sinto por ela vem de muito antes dessa vida. Meu porto seguro!

### **Neto caçula:**

- Nós temos uma relação muito próxima, ela sempre morou comigo, mas não só por isso, minha avó é uma das pessoas mais cativantes e fofas que eu conheço. Ela está sempre se esforçando, continuamente, para que todos fiquem bem. Se fosse possível defini-la em palavras, seriam: respeito, amor e carinho. Essas 3 palavras estão sempre

em sua boca. É isso que ela tenta passar para todas as pessoas ao seu redor. Quão afável é esta mulher, ela faz com que pequenas coisas se tornem grandes surpresas, exemplificando: ela embrulhou um pacote de Doritos (salgadinho) para me dar de presente. Sim, ela foi até a loja de embalagens para comprar pacote de presente. Kkkk é uma grande figura. Ela é uma GRANDE GUERREIRA, que ensinou a todos o significado das palavras: respeito, amor e carinho.

Tem nome associado à palavra anjo, A N G É L I C A, nome que do latim significa “pura como um anjo”, “aquela que se assemelha aos anjos”, “angelical” ou “mensageira de Deus”. Ela simplesmente é um anjo.

Enfrentou muitos preconceitos e desafios, preferiu viver a vida com doçura e suavidade mesmo diante da luta e da dor. Aos 18 anos se viu matriarca da família, o pai falecido, a mãe idosa e uma bebezinha nos braços. Não dava mais tempo para ser protegida. Chegada a hora de assumir o papel de liderança da família, assim o fez. Indicando um caminho, viemos para Curitiba em 1º de maio de 1977. Grandes expectativas, ao chegar aqui ficou espantada com a quantidade de gente de todas as cores e raças, carros, prédios, barulho... tinha medo de atravessar as ruas até mesmo de se perder, afinal estava em Curitiba, cidade grande!!!

Abandonou a roça, a colheita de café, algodão, o manuseio da cana-de-açúcar e a produção de doce de leite para a venda na feira, de origem humilde aprendeu muito cedo o valor do trabalho.

Trouxe no peito a esperança de tempos melhores que por certo viriam, na mala lembranças e poucas roupas, foi nessa época que conheceu o inverno curitibano... muito frio, era de doer na alma. A vida aqui na capital não seria nada fácil. Ia precisar de muita coragem. Com resiliência e resistência ela e a família sobreviveram ao primeiro inverno. A família era composta de três mulheres, uma fortaleza (Angélica, sua mãe e sua filha).

Algum tempo depois, em uma noite muito fria, as três dormindo em um sofá-cama, para se aquecerem juntas, a filha ao tomar água derrubou a sobra no sofá-cama. Isso não seria nada se tivessem cobertores, mas as dificuldades se apresentavam das mais diferentes maneiras e mais uma vez Angélica se organizou para que todas ficassem aquecidas naquela noite. Resistência e resiliência. O sonho de uma vida melhor para a família ainda não havia se concretizado.

Na roça não pagava aluguel e na cidade grande tinha mais dificuldades de conseguir emprego com baixa escolaridade. Quando era criança, reprovou no teste de admissão e seu pai a tirou da escola. Não concluiu o ensino fundamental. Sendo assim, o primeiro emprego em Curitiba foi de empregada doméstica, nessa época morava no bairro Mossunguê. E conforme o aluguel aumentava, era obrigada a procurar outra casa, dentro de suas condições financeiras. Moramos em vários territórios, Jardim Gabinete, Orleans, São Braz, etc.

Em busca de outras oportunidades, trabalhou em uma Confeitaria, onde começou lavando pratos e panelas até se tornar uma cozinheira reconhecida. Negra boa, lava passa e cozinha. Desde a adolescência, quando tinha aproximadamente uns 13 anos, foi contratada para cuidar de uma criança de uma família de posses, mas tornou-se a empregada doméstica, aprendeu a fritar ovos. Mas aqui na capital era diferente, tinha experiência e carteira assinada.

Ao trabalhar numa creche, fez amizade com a lactarista da unidade, que depois de ouvir relatos de todas as dificuldades enfrentadas por nossa família, num gesto de solidariedade, doava as sobras para trazer para casa. Por algum tempo nos alimentamos com o resto das crianças.

Após muitos aluguéis, “veio” a primeira casa própria. Na década de 1980, houve grande avanço dos movimentos sociais, um pequeno grupo invadiu uma porção de terras no São Braz. Em 7 de Setembro, para fugir da fiscalização aproveitando o feriado prolongado, a casa foi construída no banhado da Vila Real. Perderam-se muitas madeiras e pregos, pois tudo foi construído durante a noite embaixo de chuva. O medo real de que os fiscais aparecessem a qualquer momento fez com que aproximadamente 100 famílias em 3 noites se alocassem naquele espaço. Sem água, sem luz, sem ruas, sem saneamento. Minha mãe, a dona Angélica, abriu muitas velas na enxada. Mais uma vez não havia distinção entre homens e mulheres, era martelo e foice para todas. Sua casa tinha que ficar pronta naquela noite, no dia seguinte poderia ser expulsa do local. Então, no fim de semana todas as famílias entraram em suas casas, uns com cobertura de lona, outras casas construídas com compensados. A nossa casa balançava muito quando ventava, havia pouco alicerce, foi feita às pressas. Foram 24 meses pagando o crediário feito no Balaroti. Época difícil de muito trabalho, às vezes, era necessário escolher pagar a prestação ou se alimentar durante o mês.

Em meio a essas caminhadas, nossa protagonista tornou-se presidente da associação de moradores, mais tarde, como líder de grupo de mulheres montou uma biblioteca na comunidade, a luta não era somente em causa própria, foi pela comunidade. Depois de muitas negociações, reuniões, a área foi legalizada e a comunidade recebeu as benfeitorias.

A casa construída no banhado, posteriormente, passou por reformas estruturais, não perdendo sua característica acolhedora, coletiva, e muitas vezes familiares e amigos do interior hospedaram-se para tratamentos médicos ou quando estavam vindo de mudança.

A menina cresceu fez 7 anos, e foi estudar na escola Pedro Dallabona. Uma noite ficou esperando dona Angélica chegar do trabalho para ajudá-la a fazer a lição, acabou dormindo e, ao ser acordada, fez a lição chorando. A letra E cursiva ficou toda borrada na folha mimeografada. Angélica despertou na filha o desejo de ser professora, ela acredita que a educação transforma as pessoas. Mesmo cansada, esgotada do serviço braçal de empregada doméstica, cozinheira, serviços gerais, reservava um tempo para ler para a filha no final da noite. Tenho a recordação de minha mãe lendo para mim “Cinderela”, era um livro grande, com imagens bonitas. Por vezes, ela me dizia: estude, não quero você limpando a casa de ninguém.

Angélica, uma batalhadora, fonte de inspiração, muito à frente do seu tempo foi frentista de um posto de gasolina, quando era raridade ver uma mulher ocupando essa função.

Depois de trabalhar em muitas copas, cozinhas, zeladorias, postos de gasolina, foi contratada em uma grande empresa aqui em Curitiba, e em determinada data houve uma comemoração (não se lembra ao certo o motivo). Todos os funcionários e funcionárias ganharam um relógio de pulso de presente, exceto Dona Angélica. Ao perguntar os motivos, recebeu a resposta “seu braço é feio, negro para usar um relógio tão bonito”.

Em muitos momentos, na grande capital do Paraná, o racismo, a discriminação ecoaram e ecoam ferindo aqueles que somente querem viver, usufruir do direito de ir e vir.

Ainda é um desafio: mulher, mãe solteira, negra e pobre.

Há quatro gerações, continuamos querendo ir e vir, livres... conhecer pessoas e lugares, viver relações respeitadas de igualdade racial.

Falar de Angélica é falar de passado, presente e futuro. Até os 17 anos, usava os perfumes produzidos por sua mãe. Ao ver a mãe fazer a colheita do sumo de algumas ervas passou a ter conhecimento de plantas e ervas medicinais. Andando pela Rua XV de Novembro, no calçadão de Curitiba, descobriu uma floricultura, a única que existia na época naquela na região, e comprou uma flor de maio, uma pequena mudinha. Tornou-se colecionadora dessa espécie a qual divide, troca com as amigas, tem em torno de 40 mudas, coincidentemente a flor de maio tem esse nome por florescer em maio, mês do seu aniversário. Afinal ela une todas as coisas, passado e presente: 4 gerações em Curitiba.





## UMA PEQUENA VIAGEM NO TEMPO

**Jeanete de Fátima Cicora**

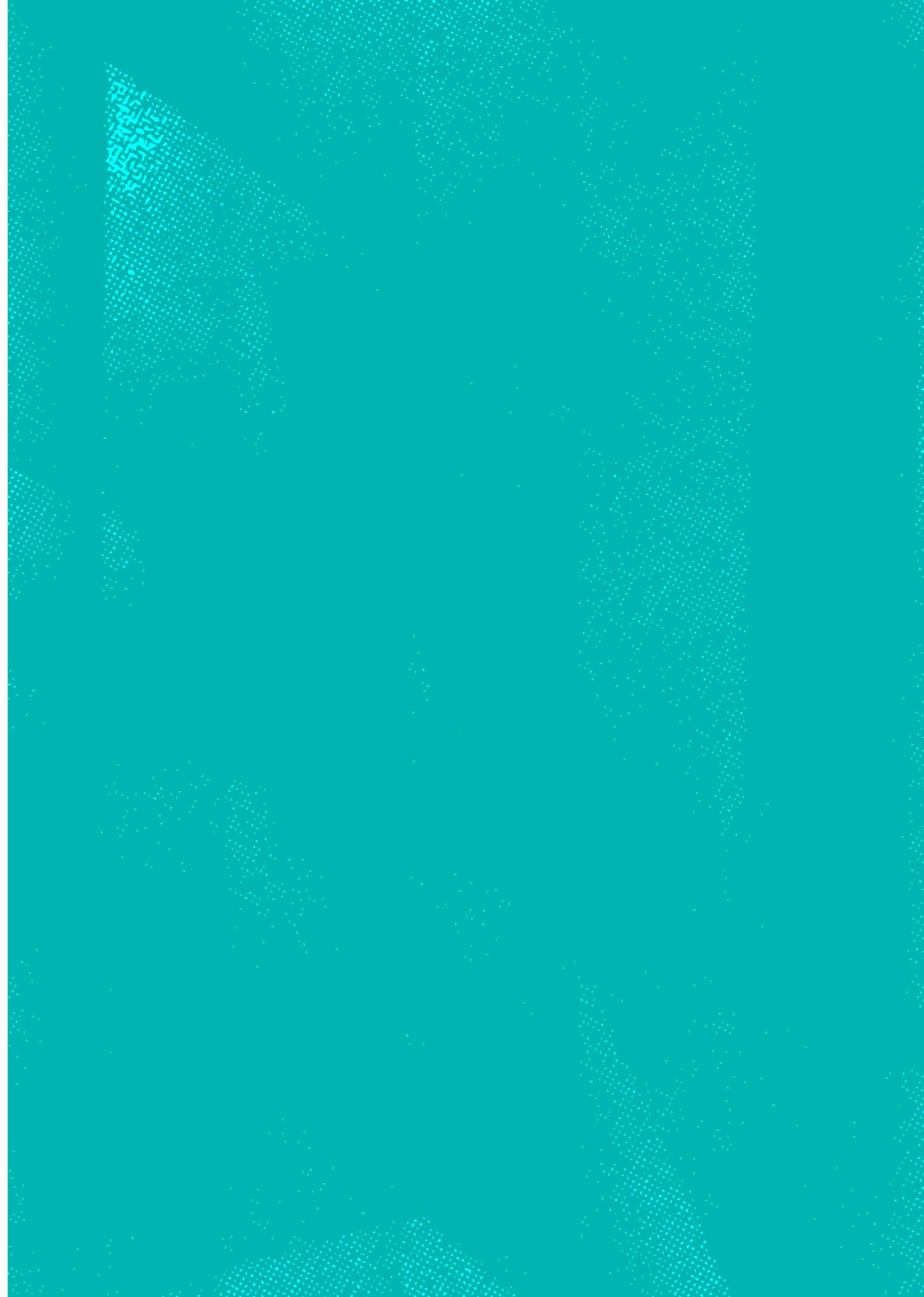
Nasci na cidade de Curitiba nos anos de 1960, época marcada pelo surgimento do feminismo e de movimentos civis em favor dos negros e homossexuais e conhecidos como anos rebeldes. Sou afrodescendente, filha de pais que migraram de outras cidades para se estabelecer nesta capital. Desde o nascimento morei no Bairro do Hauer, onde permaneci até o dia em que me casei. Minha primeira escola foi a que era conhecida como “Tia Nezita”, hoje Centro de Educação Infantil Colmeias, éramos um pouco discriminados pela vizinhança por sermos diferentes, pois a maioria era descendente de europeus, mas como meus pais foram um dos primeiros moradores tinham um certo respeito por eles. Havia poucas casas no bairro naquela época e a maioria não tinha cerca nem muros, a gente tinha liberdade de brincar nas ruas, nos terrenos vagos e ainda o privilégio de ter como opção brincar no Bosque Reinhard Maack, pulmão do Hauer.

Sou a quarta na sucessão de seis filhos e, como o recurso era pouco, nossos brinquedos eram os mais simples possível, a maioria feita por nós mesmos e, embora desde muito pequena tivesse que ajudar nos afazeres domésticos, a diversão era garantida com as amarelinhas, bolinhas de gude, bolinhas de sabão com talos de abóboras, cinco marias utilizando pedras, bolinhos de barro, etc. Gostava muito de estudar, porém, para frequentar um ensino médio de qualidade, o esforço foi muito grande, pois, além da distância, havia poucas linhas de ônibus, e porque escolhi fazer um curso técnico em que as moças eram um pouco discriminadas e as afrodescendentes, como eu, também, contudo me identifiquei e não desisti deste curso, acabei por trabalhar por um bom tempo na área de desenhista, realizava o mesmo trabalho que os funcionários do sexo masculino, porém sempre ganhava menos. Tinha o sonho de tirar a carteira de motorista, mas como não tinha dinheiro suficiente, juntei a vontade com a necessidade e decidi participar de um concurso de um programa de rádio cujo prêmio para os sorteados era um curso gratuito em uma autoescola. Consegui ser uma das ganhadoras e acabei realizando o sonho da tão sonhada carteira de motorista, foi como ganhar minha carta de alforria.

Casei-me na década de 1990 e enfim migrei para o bairro do Sítio Cercado, onde trabalho e moro até hoje. Tal como na minha infância era um bairro com pouca infraestrutura e com poucos habitantes. Após muitos anos trabalhando na área de engenharia,

com o mercado de trabalho escasso optei por ser mãe integral durante aproximadamente dois anos, retornei ao mercado de trabalho mudando radicalmente de profissão. Prestei concurso público e entrei para a área de educação, investi novamente em formações específicas realizando até o sonho de me formar em uma faculdade colocando em prática o aprendizado.

Felizmente, embora minha infância e adolescência não tenham sido fáceis, posso afirmar que realizei a maioria dos sonhos que tive na vida. Agora sonho e espero que com as mudanças que estão ocorrendo pelos nossos governantes possamos viver em um país que tenha uma melhor qualidade de vida e igualdade para todos.



# NEGRA, SIM, COM MUITO ORGULHO!

**Raquel Elisabete de Mello Boeira**

Sábado, 9 de maio de 1981.

Dia de encontros, de comemorar, espairar, paquerar, dançar o ritmo da moda (discoteca), e deixar o corpo livre pra se expressar.

Essa foi a intenção do grupo de universitários, quando após terem recebido convites combinaram um encontro numa boate da época (Papeete) que marcaria para sempre a vida de Rosangela Aparecida de Souza e de seus amigos do curso de Educação Física – UFPR – 2º ano.

Uma abordagem, sutil num primeiro momento, a constrangeu e a expôs de um modo inimaginável.

Convidada a se retirar das dependências do então clube privado, por ser negra, indignou-se, e sofreu com seus amigos violência desmedida, uma vez que se posicionaram contra tal atitude.

Socos, pontapés, empurrões, agressões verbais, gritos e choros aconteceram de um modo inesperado simplesmente porque uma amiga do grupo era negra.

Segundo os leões de chácara do local, todos podiam continuar a se divertir bastando apenas que “ela” se retirasse e que não havia razão para tal indignação. Afinal os sócios estavam exigindo a saída “dela”, e, sim, o clube afirmava ter preconceito racial.

Estaria mesmo acontecendo tudo aquilo? Estaria ela tendo um pesadelo? Seria tudo apenas imaginação ou lembrança histórica de mais uma descendente do povo que foi violentamente retirado de seu local de origem, escravizado, massacrado, humilhado, açotado, sem o direito de ir e vir, considerado inferior?

Era realidade.

E a constatação de que, sim, a possibilidade de estar usufruindo de um local diferente do subemprego, das mazelas ditas próprias para alguém de cor, estavam acontecendo de modo escancarado. Para quem quisesse ver, para quem ousasse ver. Inclusive para os presentes que não quiseram se envolver, de modo indiferente, mas curioso, perguntavam o que era aquela confusão e apenas ouviam... Uma negrinha estava dançando no clube.

A situação que acontecia naquele sábado desencadeou outras tantas, com posicionamentos e discursos louváveis contra a discriminação e preconceito, a favor do uso da lei Afonso Arinos, que previa multa ou pena de detenção. Os jornais da época (Gazeta do Povo, Tribuna do Paraná, Diário do Paraná, Jornal do Brasil) faziam chamadas e vendiam a vergonha ocorrida naquele estabelecimento:

“Racismo: Negro não dança na discoteca Papeete”

“Lei contra a discoteca...Jovem diz que foi espancado...Vereador pede fim do alvará”

“Denunciado preconceito de cor: jovem retirada à força do clube”

“Discriminação racial: universitária de cor foi expulsa do clube Papeete”

“Contra o racismo, beijo do secretário”

“Estudante é espancado após defender colega negra”

“Em passeata, condenada a discriminação racial”

“Protesto contra boate que expulsou negra marca 13 de Maio”

O secretário da justiça da época, Otávio Pereira Junior, posicionou-se contra a atitude tomada pelos proprietários da discoteca dizendo:

“Contra a discriminação sequer seriam necessárias quaisquer leis. Esse é um estado construído ao longo de sua história com o esforço e a participação de todas as raças e de todos os sangues. Esperamos que fatos de tal natureza, sob qualquer pretexto, não mais se repitam, pelo que de mal representam, pelo que de odioso significam”. E exigiu com aval do governador Ney Braga que providências fossem tomadas.

O Centro Acadêmico Hugo Simas protestou de forma veemente, enaltecendo a solidariedade de seus acadêmicos, requerendo que a justiça fosse feita.

Foi realizada uma passeata pacífica com início na praça Santos Andrade, em frente ao prédio histórico da UFPR, passou pela rua XV de Novembro e acabou na praça Osório.

De forma silenciosa, sem palavras de ordem, apenas carregando cartazes contra o racismo, contra o preconceito e discriminação, demais transeuntes ficaram sabendo o que havia acontecido e alguns indignados engrossaram o movimento. Foi também realizado um minuto de silêncio, para que todos pudessem absorver o acontecido. A cada passo, a cada lágrima, a dor da alma era expressada. Quanta dor! Quanta exposição!

Possivelmente, se fosse nos tempos atuais, haveria grande repercussão.

No entanto, nada aconteceu. O assunto foi sendo esquecido, enfraquecendo a cada audiência onde os réus não compareciam e nenhuma consequência ou providência jurídica era tomada.

E é certo que ainda hoje muitos minutos são necessários, muitas lágrimas ainda caem e rolam pela pele negra de muitos de nós.

O racismo existe. O preconceito existe. A discriminação é velada. A bandeira erguida no exterior, no embalo.

Ainda hoje o negro é invisível e não incomoda apenas se estiver em situações de subemprego. Mas se ele estiver em algum cargo de liderança é sempre visto como menos capacitado que o branco. Para nós, negros, a caminhada sempre é dupla. Poderíamos dizer que também há vitória, os louros, mas não, pelo contrário, a dor e a conquista estão sempre juntas.

A cicatriz ficou para sempre. A história se repetiu.

Aquela estudada, lida e contada (ainda que de modo superficial), foi vivida na pele, no olhar, nas palavras. Cada uma delas como setas, tiros, facadas, socos, pontapés, chicotes... Uma violência moral, emocional.

Uma dor incompreensível para o branco, incomparável a qualquer dor física.

Ainda que mãos tenham se unido e braços tenham sido erguidos, a dor pessoal foi (e é) pessoal, única.

Lamentável, porém orgulhosa dos amigos que em nenhum momento a abandonaram, Rosangela afirma que os laços da amizade foram fortalecidos.

A cura veio pelo amor dos amigos e familiares.

“Fui escancarada e não queria nada disso. Fui exposta porque quis estar na companhia de amigos, para viver uma liberdade conquistada. A cicatriz está aqui e tomou conta de meu corpo por inteiro. Nunca mais esqueci. Hoje entro com minha cabeça erguida, meu peito inflado, ciente que cada conquista e vitória foi sempre com muita dificuldade”.

Por algum tempo, Rosangela não conseguiu sair, com medo de que tudo voltasse a acontecer. Aos poucos, com o apoio da mãe e dos amigos, sentiu-se segura para sair. Naquele tempo, não se falava em crises de ansiedade ou de pânico, mas com certeza ela passou por todas elas.

Constituiu família, teve uma filha, e mostrou a ela o orgulho de ser negra. É cúmplice nas escolhas e nos caminhos que ela vem trilhando. A filha dedica-se a valorização e a beleza das mulheres negras, focando em assumir sua negritude.

Devagar, com passos lentos, cabelo afro, bem vestida, ela me diz que muitas vezes se sente nua, porém numa nudez maravilhosa, negra e capaz, negra e presente, negra e bonita, negra, sim, com muito orgulho.



**“ÀS VEZES, COM LÁGRIMAS NOS OLHOS, ÀS VEZES, COM SORRISO NOS LÁBIOS”:** A HISTÓRIA DE LUTA DE UMA MULHER NEGRA EM TERRAS CURITIBANAS.

Eu acho que para vocês jovens, mães e não mães. A minha história é bonita e eu ainda estou viva e falando dela, às vezes com lágrimas nos olhos, às vezes com sorrisos nos lábios. (M.T.S, 2018)

Jessica Cavalheiro  
Rhuana B. K. T. Fraguas  
Lucimar Rosa Dias  
Maria Tereza da Silva

Nascida em sete de setembro de 1955, em Londrina interior do Paraná, com 63 anos, relata em suas memórias momentos que marcaram sua vida, sua trajetória. Tereza, mulher, negra, nascida na roça, dormiu embaixo de marquises de lojas, na rua, viajou longos caminhos a pé, passou fome e frio com sua família. Perdendo irmãos ao longo da vida. Sofreu violência física e psicológica. Trabalhou de doméstica em casas de famílias ricas, mas são de suas vitórias que Tereza fala mais, e é da superação das adversidades que ela traz sua marca principal: o sorriso farto.

Depois de muitas batalhas para viver, tornou-se servidora federal da UFPR em 1984 e aposentou-se em 2018. Fugindo da miséria e com vontade de uma vida melhor, veio de Londrina para Curitiba. Os anos passam, teve três filhos e dois netos. Construiu um lar para eles em terras curitibanas e aqui vive. Ela se autodefine como uma batalhadora e se reconhecesse como mulher negra de direitos. No mesmo ano em que se aposentou, terminou o ensino médio, pronta a dar continuidade a sua vida e dividir o seu tempo com seus filhos, netos e noras. Assim, ao revés, começamos a contar a história de Maria Tereza da Silva.

Londrina estava no auge de seu status de capital mundial do café. Durante esses anos, era comum que a maior parte de plantações do perímetro rural fossem extensas áreas de cafezais. A cidade hoje é marcada por diversos pontos turísticos, lugares, ruas, etc. que carregam em seus nomes o grande marco histórico das plantações de café. Foi ali que Tereza (como gosta de ser chamada) nasceu. É a cidade onde Tereza passou parte de sua infância durante as décadas de 1950 e 1970. Na zona rural de Londrina cresceu, junto a seu pai, sua mãe e seus três irmãos. O pai trabalhava como peão. Mesmo em condições precárias, viviam “felizes e unidos”. Tereza relata detalhes desses momentos que viveu em sua infância com um olhar de saudade, momentos que brincava com seus irmãos e amigos sob a luz do luar e o brilho das estrelas. Brincavam de amarelinha, de roda, passa anel, mãe se esconde, segundo ela, “como se não houvesse o amanhã”. Era destas terras que retiravam os recursos para sobrevivência, porém também era lugar de muita violência, ela nos conta que um dos principais traumas que viveu ocorreu nos “eitos” de café como ela diz. Um dia ela ouviu de longe um galope de cavalo estava com a mãe, quando foram surpreendidas por um homem grande de chapéu. Sua mãe a abraçou e pedia para que o homem não fizesse nada com elas. Mas Tereza lembra que ele grudou sua mãe e ela gritava. Tereza diz: “lembro dos gritos como se fosse hoje, eu imagino o quanto aquele homem (fala frisando a testa) a deve ter machucado. Tereza demonstra ao relatar um misto de dor e ódio. “Eu tentei segurá-lo, agarrar o pescoço dele, mas ele me jogava longe. Eu era pequena, não podia fazer nada, uma hora ele me jogou tão longe que eu não soube mais voltar, ela falava por favor eu te imploro, pare com isso”. Mesmo vivendo em meio a tanta violência, Tereza é resistência perante a tudo que presenciou em sua vida. Então respira fundo ao secar suas lágrimas e segue nos relatando sua história.

Seus pais em meio às dificuldades buscavam um meio de viverem melhor. Foram para a Bahia. Seu pai, mãe e suas irmãs, a mais velha e Vera Lúcia, bebê de colo. Ela conta que “Fomos caminhando no breu da noite, dormindo em beira de estradas, passando fome, frio”. Seus pés pequenos faziam bolhas de tanto andar. Sua irmã mais velha ficou muito doente e faleceu, eles voltaram depois de um tempo para Londrina, mas não para a zona rural. Tereza, diante das condições precárias da rua, decide fugir de seu pai e vai para as ruas do centro de Londrina levando consigo sua irmã menor. Na saída, disse ao pai “Eu quero construir minha família, não quero essa vida que você tem me dado”.

A infância de Tereza é marcada pela semelhança com a história de vida de milhares de mulheres e meninas negras que cresceram no Brasil. Sob égide do racismo e da ausência de políticas para a população negra, em suas andanças para sobreviver e após peregrinar pelas ruas, é acolhida por uma senhora. A mulher de origem alemã a abrigou em troca das tarefas domésticas, como: limpar, cozinhar e cuidar dos filhos e netos dela. Tereza deveria preocupar-se em cumprir seus afazeres domésticos não só na casa da “madrinha”, às vezes era enviada para outra cidade para que trabalhasse

para a filha da madrinha e recebia o mínimo: alimentação, roupas e um teto, mas era proibida de estudar.

O relato de Tereza é dolorido, segundo ela, “Aquela mulher mentiu para mim. Deu minha irmã para outra família, e eu nunca mais a vi, foi aí que o inferno em minha vida começou [...] Eu ia para aula escondida, mas quando voltava ela me dava um coroa, me batia muito, pois não queria que eu estudasse. Então, a cada filho que as filhas da madrinha tinham, ela me mandava para ajudar a cuidar dessas crianças. Uma filha dela de São Paulo ia ter um filho, então ela me mandou para lá. Eu tinha aproximadamente uns dez anos, mas a filha dela era um bicho, era louca e mimada, ela era extremamente ruim, bem pior que minha madrinha, me xingava, me batia, e mandou eu comprar uma lata de margarina, pois naquela época era lata. Eu ainda não sabia ler direito, e peguei a lata verde, era errada. Quando cheguei em casa, ela tacou na minha cabeça, fez um corte enorme, a cozinheira dela correu para me ajudar a estancar o sangue. Mas não parava de sangrar. Falava: sua imunda, fedorenta, retardada, idiota. Mas Deus sempre foi maravilhoso comigo, me deu forças. A cozinheira falou que ia denunciar, mas como a mulher era casada com advogado nada aconteceu.”

A tristeza de Tereza com mais essa violência vivida não a abateu e sua coragem e resiliência para continuar a vida vai se delineando a cada parte de sua história. Foi a partir desse momento que volta para sua madrinha que percebe o quão diferente poderia ser sua vida, se ela buscasse novos caminhos, como sempre fez. Resolveu morar com outra família. A vontade de estudar se manteve e ela por conta própria se matriculou e concluiu o ginásio. Da escola, só tem lembranças boas, era seu lar, sentiu-se amada e respeitada. “Minha professora Marília era maravilhosa, ela nos ensinava por meio de música, até hoje me recordo. Usávamos cartilha e gravávamos com muita facilidade. Assim decoramos com mais facilidade a junção das sílabas. Hoje em dia, o ensino é bem diferente, falta pureza. Eu sou a favor das tecnologias, pois o homem se desenvolveu e é necessário, é prático, mas está tudo muito livre.” Tereza sempre esboça um sorriso ao falar de sua época de escola, é com grande afetividade que ela lembra do quanto suas professoras foram atenciosas e comprometidas com a educação.

Ela ainda era menor de idade, mas queria vir para Curitiba, então, combinou com uma amiga que já era de maior e poderia ser responsável por ela e veio. Trabalhou de doméstica em casa de famílias ricas não tendo tempo para estudar. “Então, aqui eu não estudei, vim pra cá e comecei a trabalhar, trabalhar e trabalhar. E guardava meu dinheirinho pra um dia comprar minha casa, minhas coisas, sabe? Eu não estava estudando porque eu tinha feito o ginásio e daí pensei, ah, não vou estudar agora, vou estudar mais tarde”. Aqui ela teve seus três filhos, conheceu amores, desbravou a cidade e com sua garra foi construindo seu chão. Quando veio para Curitiba não conhecia ninguém, trabalhou como doméstica, em salão de beleza, como cozinheira, em comércio, farmácia. Ela diz que engoliu muitos “sapos e lagartos” e nem sempre teve seus direitos trabalhistas respeitados e um dia disse “cansei, quer saber vou pra universidade trabalhar na fundação da universidade, naquela época eu vim como servente, não tinha concurso público, ih, minha filha, já lavei muito chão desta reitoria aqui”.

Os anos passaram, e ela realiza seu sonho, tem sua casa, seu carro, fez sua carreira na UFPR, foi passando por vários setores, incluindo Recursos Humanos, até chegar ao Setor de Educação e ocupar sua função, todos ali conhecem Tereza e seu sorriso. Embora trabalhasse em uma universidade teve pouco apoio para que voltasse a estudar e “muita falta” de oportunidade para que concluísse seus estudos. Mas Tereza

é um ser humano de muita luz, extremamente resiliente e com seu sorriso largo diz “A universidade pra mim é tipo uma mãe, sabe?! Aquela mãezona que pega a filha e ajuda de todas as formas, ajuda a filha a crescer, a comprar sua casinha, comprar seu carrinho, a criar seus filhinhos. A universidade para mim foi isso!”.

Este texto é um fragmento da história contada por Tereza por meio de uma pesquisa de História Oral em um Trabalho de Conclusão de Curso em 2018, a pedido dela expressando a vontade de contar a sua história inspirada pela professora Diva Guimarães, pois quando ouviu sua história identificou-se e sentiu uma necessidade tremenda de contar a sua também já que eram semelhantes em diversos aspectos. Tereza disse à professora Lucimar Rosa Dias, orientadora do TCC, “a senhora nunca ouviu a minha história porque a senhora ia ver que é legal.”

A história de Tereza, mulher negra em terras paranaense, deve ser ouvida e contada porque como ela mesma diz: “a minha história é bonita e eu ainda estou viva e falando dela, às vezes com lágrimas nos olhos, às vezes com sorrisos nos lábios. Sorriso no rosto, eu sou feliz, sou bem resolvida, apesar de ter algumas coisas que doem, porque é claro somos seres humanos, eu sou super bem resolvida com a minha vida, com tudo, sabe, então, eu queria que isso desse força para vocês, e claro para outras pessoas. Poxa, ela passou por tudo isso na vida e ainda é feliz” e temos muito a aprender como estas mulheres muitas vezes anônimas que estão por aí, pelas praças, ruas, pelos mercados curitibanos construindo suas histórias de lutas, de resistência e sobretudo de vidas.

# MINHA CAMINHADA

Zeni Pires Francisco

Meu nome é Zeni. Nasci em Ribeirão do Pinhal e tinha 8 meses quando meus pais vieram para Curitiba com 7 irmãos mais velhos. Moramos em Araucária e depois de algum tempo fomos para o Parolin. Nessa época, meu pai vendia verduras. Logo compramos um terreno em Pinhais na Região Metropolitana de Curitiba, onde moro até hoje. Uma lembrança que eu guardo muito eram dos nossos passeios no Passeio Público.

Sempre estudei em escolas públicas, como a Escola Municipal Enéias Marques, o Colégio Estadual Cecília Meireles e o Colégio Estadual Rio Branco. Aos 16 anos, fui trabalhar de babá. Terminei o 2.º grau e, aos 20 anos, me casei e tive uma filha, sempre trabalhando bastante e com o sonho de um dia cursar uma faculdade. Em 1989, minha mãe faleceu e, nesse mesmo ano, comecei a trabalhar no CRAV (Centro de Reabilitação Adeodalto Volp) Faspar, em Curitiba. Nesse tempo, nasceu minha outra filha. Segui trabalhando até 2001 para manter minhas filhas estudando no Colégio Adventista do Centenário, após terem saído do CMEI Araguaia em Curitiba.

Em 2002, voltei a trabalhar de diarista. Em 2005, encontrei uma amiga que me incentivou muito a voltar a estudar e a fazer Pedagogia, já que sempre trabalhei com crianças. Isso foi um despertar para a minha vida, pois minhas filhas já estavam fazendo magistério. Comecei, então, a cursar Pedagogia em 2005, realizando estágio por dois anos no CMEI Vó Margarida, em Pinhais. Em 2007, fui eleita conselheira tutelar em Pinhais, onde fiquei por 1 ano e 2 meses, pois fiz o concurso público para educadora pela Prefeitura de Curitiba. Passei e assumi no CMEI Rurbana em 2009, onde trabalho há 11 anos como professora de educação infantil.

Minhas duas filhas também são professoras: Bruna leciona no CEI Pequeno Príncipe, fez Pedagogia na UFPR, e a Jaqueline é professora no CMEI Ruth Cardoso, está cursando Pedagogia na UFPR, forma-se este ano.

**Como já disse no início sobre a minha lembrança, termino minha história de conquistas relembando que o que foi muito legal é que, quando minhas filhas eram crianças, os passeios delas também eram, aos domingos, ir ao Passeio Público. Elas cresceram lá e hoje temos muitas boas lembranças desse lugar maravilhoso de Curitiba.**



# CARREGAMOS UM OCEANO NO PEITO

**Hadassa Gomes Fonseca**

Começo escrevendo essas palavras em um espaço em branco, com letras pretas sendo colocadas uma após a outra. Isso me faz pensar em minha existência: eu, um corpo negro, sendo inserido em espaços majoritariamente branco. Tem sido assim desde o dia em que cheguei de São Tomé e Príncipe (África) para morar aqui em Curitiba. Eu pensei quais histórias poderia contar; sobre quais pessoas e acontecimentos eu poderia escrever, e me vi em dívida comigo mesma. Acredito que o meu eu, de 13 anos de idade, se sentiria muito feliz em saber que ela sempre teve voz, e que os seus sentimentos, histórias e sensibilidades foram válidos, compartilhados, abraçados e entendidos.

Então é isso: escreverei sobre mim, em homenagem a uma garota negra, tímida, que sem saber nomear os acontecimentos racistas que a rodeava e atravessava, foi sendo silenciada - mas que hoje corre e discorre, bem aqui.

Minha história é sobre sensibilidade; sobre como é nocivo permitir que crianças pretas não expressem os seus sentimentos. Tudo o que nos é acometido e nos deixa à flor da pele importa, e muito! É desumano permitir que as nossas crianças cresçam com a ideia de que precisam ser fortes e inabaláveis o tempo todo.

## **Nunca foi um conto de fadas:**

Hadassa, uma criança negra, gorda, que ganhou uma bolsa para cursar o ensino fundamental em um colégio particular. A rotina escolar tinha lá as suas dificuldades: problemas para lidar com as matérias de exatas, a falta de condição para comprar os livros e materiais escolares exigidos, a falta de dinheiro para comprar os suculentos lanches que vendiam no horário de intervalo, entre outras dificuldades.

Eu sabia que era diferente dos meus colegas – não apenas pela cor da minha pele (a minha racialidade), mas igualmente pela minha condição social. É claro que, com a minha pouca idade, eu não teria como pontuar tudo isso, com essas palavras e compreensão. Mas eu sentia: o corpo absorve essas informações muito mais do que a memória propriamente dita. O corpo é memória.



As aulas de Educação Física (as quais deveriam ser um momento de lazer) se tornavam um pesadelo à parte, principalmente quando precisávamos jogar futsal. Eu não era boa no esporte. Quase sempre era uma das últimas a ser escolhida para formar os times. Assim não demorou para que todas as aulas se tornassem um mártir.

Não sei se por carregar tantas angústias, mas eu tinha a sensação de que todo tipo de acidente durante a aula acontecia comigo. Coisas como levar uma bolada no rosto, cair enquanto corria, levar um empurrão de alguma colega pra lá de competitiva, entre outros pequenos acontecimentos, que para mim, na época, eram gigantes, e me faziam chegar à beira dos meus limites. Quando eu via que já estava chorando, não conseguia conter as minhas lágrimas. Elas surgiam como gritos nunca antes expressados. Elas surgiam com o meu rosto quente, as bochechas vermelhas, e um gosto amargo de injustiça na boca, por sentir toda a pressão de estar existindo em um espaço que me oprimia – e que oprimia também as demais crianças negras, eu tenho certeza. Eu sempre me retirava das aulas. Lavava o meu rosto no banheiro e não retornava aos jogos. Eu ficava sentada na quadra, apenas observando os demais estudantes, deixando as horas passarem, torcendo para as aulas terminarem mais cedo.

Era estranho: depois disso tudo, eu tinha uma sensação de alívio.

Ainda em uma dessas aulas de Educação Física, me lembro de um momento, em especial. Ocorreu em uma atividade na qual precisávamos correr ao redor da quadra. Eu torci o meu pé e caí. Chorei, obviamente, visto que estava sentindo dor.

Então, o meu professor (um homem cis branco, alto e altamente crítico), se abaixou perto de mim, me ajudou a levantar. Me conduzindo até o banco mais próximo, ele olhou para mim e disse: “Hadassa, você precisa parar de ser sensível assim! Você chora por qualquer coisa...”

Bem, lendo assim, não parece nada demais, não é? Dá até impressão de um conselho inofensivo, uma orientação para que eu fosse mais forte na vida, um incentivo carinhoso sobre resiliência. Mas não foi o que aconteceu. Nesse momento, a minha cabeça quase explodiu tentando entender o porquê da minha colega de classe, cis branca e loira, sempre se debulhar em lágrimas, e ser acolhida, socorrida, amparada por todos. Ela tinha a permissão para sentir toda a dor do mundo. Ela tinha permissão para expressar seja lá o que estivesse lhe acontecendo.

Eu cresci acreditando que demonstrar o que eu sentia era um incômodo, uma fraqueza. Com o passar do tempo, comecei a escutar que mulheres negras eram guerreiras, fortes, inabaláveis. Elas não se cansavam, aguentavam tudo. Hoje sabendo do que sei, de como o racismo estrutural age, entendo a construção do “mito da preta que não sofre”, e que é este o lugar que nos reservam. Sem o direito de sentir e expressar, de gritar, de chorar e até mesmo produzir arte (de uma vez que nos fizeram acreditar que não tínhamos um pinga de sensibilidade).

Avançando alguns anos da minha caminhada até então, me recordo, também, de esperar ansiosamente pelas aulas de arte. Teoricamente, ali eu finalmente teria a chance de expressar o turbilhão de emoções que haviam em mim, do modo que eu desejasse. Contudo, as circunstâncias foram outras. Sempre que eu fazia um trabalho relativamente “bom” – ou assim considerado –, tinha a minha autenticidade questionada: a Professora me perguntava se eu era a “verdadeira” autora das minhas artes.

O ponto em comum entre esses dois momentos escolares da minha vida foi a desvalorização da minha sensibilidade, tanto emocional quanto artística.

### Escrevendo um final feliz:

Esses devaneios e reflexões nostálgicas, mas agridoces, me fizeram pensar em como é engraçado, bem como um tanto trágico, saber que tão logo nós, negras e negros, expomos a nossa sensibilidade, somos questionados. É como se “ser sensível”, através de nossas ações, arte, fala e posicionamentos, fosse algo antagônico e de outra natureza; algo incomum e um pouco ultrajante.

Nos ensinam a lidar com as “sutilezas” do racismo, pois assim, quando o apontamos, o nosso discurso pode ser reduzido, alegado como meros vitimismo e exageros momentâneos. Entretanto, sabemos como o racismo estrutural funciona. Já aconteceu com os nossos antepassados: as suas histórias, as suas vivências foram igualmente distorcidas e mascaradas; e as suas figuras foram reduzidas à imagens de pessoas sem valor, acostumadas a lidar com o trabalho árduo, mas não possuidoras de qualquer alma.

Na contemporaneidade, é possível observar o quanto nós, pretas e pretos, também passamos a aceitar, a internalizar essa condição, uma vez que continuam reproduzindo, em todos os veículos de ensino possíveis, apenas uma versão da história – aquela que apaga o nosso passado e ancestralidade.

A nigeriana escritora e feminista, Chimamanda Ngozi Adichie, há dez anos, ilustrava muito bem, em uma fala no TED Talks, as consequências dessas reproduções de uma única história, sempre negativas, que generalizam e negligenciam as várias outras histórias que implicam o povo negro e a luta negra:

“Uma única história cria estereótipos. E o problema com o estereótipo não é que ele seja mentira, mas sim incompleto. A consequência de uma única história rouba de nós a dignidade; faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil: enfatiza como somos diferentes, ao invés de como somos semelhantes” (2009).

Ao falar sobre nós, precisamos nos ver como seres que, apesar de sociais, possuem individualidade – únicos, cada um de nós, pois carregamos em nosso corpo as nossas vivências, dores e histórias. E assim sendo, por que, então, qualquer pessoa poderia presumir que não somos seres dotados de sensibilidade potente?

Nós, pretos, precisamos questionar a nossa ausência em espaços criativos; precisamos causar uma ruptura nos rótulos e estereótipos que nos aprisionam e diluem a nossa essência, pouco a pouco.

Tudo em nós exala sensibilidade: os nossos traços, os nossos cabelos, a nossa cultura, o nosso estilo. Somos todos uma gigante, intrigante e imensurável obra de arte. A nossa árdua missão é aprender a nos vermos como seres capazes de criar novas narrativas, para que assim possamos entender que temos o direito de sentir, chorar e até mesmo enfraquecer, quando necessário. Ao contrário do que muitos já disseram ou pensaram, somos, sim, sensíveis – da cabeça aos pés. E não há nada de errado com isso, eu prometo.

Dedico a minha história a todas as garotas negras que sentem demais. Carregamos dentro de nós a fúria e a sensibilidade de um mar revolto, com águas que também são capazes de curar.

Hadassa Gomes, de São Tomé e Príncipe. Desde 1993 sendo uma exploradora criativa afrofuturista.

### Designer de Moda.



## QUEBRANDO GEADA

Jucélia Alves Nogueira

Era outro tempo. Outra época. Outra dimensão de uma realidade que se desfaz seguidamente no tempo, mas que volta quando acionada pelos canais das memórias. Nós passamos pela vida, e as provas de tudo o que vivemos estão escondidas nos recônditos compartimentos do nosso cérebro. Resta-nos a escolha de lembrar ou não. As passagens da vida certamente nos constroem como seres humanos, firmando nossos valores e nosso caráter.

Infância acionada... Processando... Retorno... Ação!

Inverno de 1969. Ainda estou com o nariz escorrendo. O peito parou de chiar e a tosse já pertence aos ecos doloridos dos dias anteriores. Ouço minha mãe suspirar aliviada e dizer para o meu pai que devo voltar para a escola. Isso é bom!

Não espero ser chamada, levanto da cama. Uma leve tontura me faz retroceder e me seguro na cabeceira de madeira tosca. Estico os lençóis rotos e dobro o cobertor que guarda o odor da febre que me deixou sonolenta por dias. O cobertor é cinza como um dia sem sol, mas é meu amigo. É nele que me apoio quando seguro a tosse para não acordar mamãe e papai e para não levar um cutucão das irmãs, que dormem em camas gêmeas da minha. O cobertor é meu confidente, é um amigo que me aquece e é debaixo dele que escondo os meus medos, minhas tristezas e minhas inseguranças.

Escuto o barulho que papai faz ao acender o fogo no fogão à lenha e logo o cheiro de café atravessa a cortina de cretone estampado, que faz o papel de porta do quarto das meninas. Estico o corpo e sinto dores nos lugares onde a agulha da seringa de injeção machucou. Olho meu bumbum murcho e vejo as marcas arroxeadas. Por experiência, sei que logo elas ficarão azuladas, depois amareladas e, se a asma der uma trégua, logo se dissolverão na palidez da minha pele.

Na parede, dependurado num prego, o guarda-pó escolar me espera. Aliás, eu espero que ele não esteja muito sujo, porque não há guarda-pós para todas as meninas da casa. O meu, compartilho com minha irmã mais nova. Ela é caprichosa e cuidadosa. Não é estabanada. Aprendeu a não se sujar, graças aos tapas e puxões de orelhas de mamãe. Quando acontece de cairmos na lama, um "ai" silencioso sempre antecede a surra que levamos. Nosso guarda-pó é confeccionado a partir dos sacos de farinha

brancos que meu pai traz do armazém onde trabalha. Mamãe conserva-os branco-azulados, pois os enxágua com pedras de anil para que eles não encardam. Ela sempre diz que “somos pobres, mas limpinhos.” Essa fala também acompanha a vistoria depois do banho para ver se lavamos bem o pescoço e as orelhas.

Escovo meus longos cabelos cacheados. Droga! Que saco! Com o perdão da palavra, eles dão muito trabalho, mas mamãe fez uma promessa quando eu ainda era um bebê, durante uma crise de asma: se eu sobrevivesse, não cortaria meus cabelos até eu completar sete anos. Graças a Deus o prazo está se esgotando, pois logo eu completarei idade. Minha madrinha sempre diz que sou “seca” por causa do peso dos cabelos e, vale dizer: estou cansada de ser chamada na escola de “mosquito elétrico”, de “palito de dentes” e de “graveto”. Culpo meus cabelos pela minha magreza e pelos meus apelidos... Acho que são eles que sugam tudo o que eu como, até mesmo as injeções doloridas, pois são muito arrepiados. Cabelos dos infernos! Quero-os curtinhos. Tosados. Domados. Junto todos os cachos dos meus cabelos e acomodo-os com um pedaço de elástico já amarelado pelo tempo. Arg! Preciso de um elástico novo antes que mamãe perceba que o meu está seberto.

Há uma menina na nossa rua que tem o apelido de “Futa”, porque cheira mal e tem uma cabeleira arrepiada. Minha irmã mais velha me deu o apelido de “Tuta”, porque os meus cabelos afros são parecidos com os da Futa. Eu enlouqueço com isso. Não tanto pelos cabelos, mas sempre que ela me chama assim, aperta o nariz, e eu não sou nenhuma fedorenta. Lavo os cabelos com sabão em pedra com toques de alfazema que a vovó sempre me dá de presente.

Hora de tirar a remela dos olhos. A água gelada fere a minha pele. Abafo um grito com as mãos. Não quero acordar a irmãzinha mais nova. Ela é chorona e mamãe ficará brava se for acordada pela dengosa. Encaro novamente a água enregelante, pois meu nariz assado necessita de um trato. Não quero ser alvo de outros comentários maldosos dos colegas da escola. Detesto quando me chamam de “ranhenta” e “remelenta”.

Chego à cozinha e peço a benção do meu pai. Ele é um homem magro, calado e taciturno, mas seu jeito silencioso é um ato amoroso, já que mamãe grita o tempo todo com os filhos. Ele me alcança uma caneca de café quente. Não gosto do cheiro de leite, por isso ele coloca apenas um pingo do líquido branco. Afinal, mamãe diz que criança não pode tomar café preto.

Em seguida, pego meu singelo material escolar que está acomodado dentro de um forte e transparente saco de “Cristalçúcar”. Mochila? Essa palavra é um delírio descabido de menina pobre. Estojo de lápis? Coisa das princesas que usam guarda-pó de pano-de-loja.

Saio para a friagem. O vento cantante me faz feliz. Talvez porque os dias de febre me incomodaram muito ou simplesmente porque sou um bicho do frio. Não temos muita roupa. Mas todas nós suportamos as intempéries, afinal, o ditado popular é verdade: “Deus dá o frio conforme o cobertor.”.

Não tenho casaco, mas a blusa de lã espinhenta e de gola alta faz seu papel, e seus pequenos rasgos são disfarçados pelo guarda-pó branco-anil. Coloco a touca desfiada e saio para a rua. Apesar da insistência do meu pai, tenho vergonha de ficar com a calça do pijama, por isso minhas pernas estão protegidas apenas pelas meias de lã cinzenta que já viram dias melhores. Minha “conga”, uma espécie de alpargata reforçada, está limpa e seca, e isso faz boa parte do frio ir embora.

Um sorriso se delineia em minha boca e solto um bafo de fumaça. Sabe aquele cigarro invisível que solta fumacinha? Eu vou brincando com ele enquanto salto compassadamente para não congelar. “Um, dois: feijão com arroz; três, quatro: feijão no prato; cinco, seis: batatinha inglês (concordância nominal: zero rrsrsr); sete, oito: café com biscoito; nove, dez: que bonita tu és (concordância verbal: dez rsssss).”

E lá vou eu, “quebrando geada” em direção à escola. “A asma foi embora”, minha mente ri pela minha boca fumegante de frio. Gosto de caminhar. O caminho da escola é mais bonito no frio. A geada se condensa nas folhas e na grama, transformando-as em joiasbrilhantes sob os tímidos raios de sol. A vida é bela e eu sou uma princesa disfarçada de menina pobre. Quando não estou doente e quando meus cabelos estão sossegados, eu me sinto bonita. Nessa manhã estou bonita, porque o frio me tirou do marasmo do cobertor cinza e logo haverá sol. Ah! Ouvi mamãe dizer que, ao meio-dia, terá sopa de galinha com batatas. Ainda bem que não será polenta. Detesto polenta.

Avisto a escola. Estou ofegante. Quebrei muita geada, mas meus pés estão quentinhos pelo exercício empreendido. Meu rosto está quente e, desta vez, não é por causa da febre. A vida é boa. Eu gosto de estudar. Sou boa aluna e um dia ainda serei professora.

Sim! A felicidade está presente nos mais inusitados lugares. Inclusive nas singelas lembranças escondidas em nossas mentes.

E o tempo passa...

Momento atual? Tecnológico. Saúde? Livre da asma. Apelido? Nas reuniões familiares ainda me chamam carinhosamente de Tuta e eu gosto. Profissão? Professora, por opção e amor. Cabelos? Curtinhos e domados. Vestuário? Da moda, confortável e aconchegante. Dia a dia? Sorrindo para a vida e superando obstáculos. Expectativa? Um mundo melhor para todos.

**Temperatura? Frio curitibano. Vento... Geada... Afinal, algumas coisas não mudam. Assim, vou quebrando as geadas da vida e buscando sempre razões para viver.**

# VIVÊNCIAS DE UMA AFRO- CURITIBANA

**Jhenifer Chistiane Dorcelina da Conceição Massoquetto**

Um trecho da trajetória de uma afro-brasileira na realidade do nosso país.

Sou a Jhenifer, tenho 27 anos e sou a segunda filha de cinco irmãos. Morei desde que nasci na favela, meus pais sempre me alertaram sobre criminalidade, drogas e prostituição, e me conduziram para seguir um caminho de educação e fé.

Eles falavam que, se eu quisesse ter uma vida diferente do que as pessoas ao meu redor, eu precisava estudar e ter fé em Deus. Estudei em escola pública, passei por dificuldades na aprendizagem, mas continuei, pois a escola, juntamente com meus pais, me ajudou a passar por cada obstáculo.

Chegando ao 3º ano do Ensino Médio, surgiram algumas inseguranças. E agora? O que vou fazer? Meu pai não tinha condições de pagar a faculdade. Então, resolvi fazer curso técnico, para começar a trabalhar para pagar meus estudos. Terminei o curso, mas tive dificuldade para trabalhar na área, por ser nova demais, não ter experiência, além de ser mulher e negra. Achei que o preconceito estava só na escola e que depois que eu fosse embora, acabaria. Mas não foi bem assim!

Depois disso, tive que arrumar outros tipos de emprego, porque realmente queria fazer faculdade. No fim de 2013, resolvi prestar vestibular sem compromisso. Passei! Para minha surpresa, a partir deste momento surgiram outras perguntas. Como vou pagar? Será que eu consigo? Mesmo assim, dei continuidade e meu namorado na época, hoje, meu esposo, me ajudou a pagar a matrícula. Em fevereiro de 2014, começaram as aulas. Logo fiz minha inscrição na Central de Estágios e, na segunda semana de aula, estava trabalhando na minha área, podendo assim custear os meus estudos.

No primeiro semestre, foi bem difícil conciliar faculdade e trabalho, mas com determinação, perseverança, fé e muito estudo consegui passar esta primeira fase.



Em 2015, descobri que estava grávida. E novamente surgiram perguntas e dúvidas. E agora? Será que eu vou terminar a faculdade? E o estágio? Como vou dar conta de estudar, trabalhar e ainda cuidar de um bebê?

Terminei aquele semestre e, simultaneamente, tranquei a faculdade e saí do Estágio. Resolvi dar prioridade ao bebê e, quando estivesse pronta, voltaria.

Fiquei um ano com ele em casa e voltei a estudar. Nossa! Que diferente voltar depois de tanto tempo, a turma era diferente, os professores e eu também éramos outras pessoas.

Muitas vezes eu quis desistir, parar. Arrumava inúmeras desculpas para ficar em casa e não estudar mais, porque estava cansada. Não estava sendo fácil passar o dia todo cuidando de um bebê e dos afazeres domésticos e ainda ir para a faculdade estudar por 4 horas, todos os dias. Fora os trabalhos e provas. Mas eu sempre me lembrava dos meus pais dizendo que a educação mudaria minha vida. Então, me agarrei a essas palavras e continuei, porque eu queria uma vida diferente não só para mim, mas também para o meu filho.

Chegou o ano do TCC, o tão temido por todos os alunos. Achei que não conseguiria, que era demais para mim, mas em dezembro de 2018, apresentei meu trabalho de conclusão e fui aprovada! Ufa! Terminei. Não foi fácil, enfrentei muitos obstáculos pelo caminho, mas se eu não tivesse fé, se eu não acreditasse realmente no meu sonho e nas palavras dos meus pais, eu não teria chegado onde cheguei.

Minha dedicação, perseverança, determinação e fé não foram o suficiente, eu precisei de Deus, dos meus pais, meus sogros, meu marido, filho, amigos e professores para chegar onde cheguei. Foi com ajuda, conselhos, ensinamentos, amor e confiança deles que consegui conquistar meu diploma.

Dificuldades sempre houveram no caminho, mas nunca precisei caminhar sozinha. "É melhor ser dois do que um. Porque dois trabalhando juntos podem ganhar muito mais." Eclesiastes 4:9

**Não ganhei esse prêmio sozinha, dedico a todos eles essa minha vitória.**

# CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA DE LUTAS

**Angela Maria da Silva**

O ano era 1986, não lembro exatamente o dia e o mês.

— Filha, você vai morar com minhas primas Nair e Jesus (sim, o nome dela é Jesus), você vai ajudar nas costuras e na limpeza da casa.

Meio sem entender nada, concordei, porque as coisas já não iam bem em casa, nem todo mundo se dá bem com padrasto, né... E nos meus poucos 13 anos de vida, iria entender o quê mesmo?

Então, chegou o grande dia. Lá fui eu, lembro-me como se fosse hoje, primeira viagem sozinha, rodoviária, ônibus e uma melancolia e ansiedade sem saber o que me esperava na nova cidade.

Chegando à rodoviária, já senti o clima de capital. Curitiba, cidade grande, prédios e muitos carros na rua, gente indo e voltando. Na Praça Rui Barbosa, pegamos o ônibus em sentido ao bairro Fazendinha, minhas primas moravam lá. Do lado do terminal estavam os conhecidos apartamentos de vidro, pra mim era novidade morar em apartamento.

Minha prima me matriculou em uma escola Chamada Dom Orione, na Santa Quitéria. Tudo diferente, eu ia de ônibus, o que já me causava uma mistura de medo com a euforia de conhecer novos ares.

Ajudava na limpeza da casa e nas arrematações da costura, fiz amigos no condomínio e estava gostando da nova vida. Via a família só no fim do ano, porque, podem acreditar, a passagem custava uma fortuna e a viagem era longa. Era 1986, gente...

Fazia alguns meses que estava morando com elas, quando minha prima Nair arrumou um namorado e eles decidiram se casar. Eu estava empolgada com a notícia, feliz por ela. Foi aí que aconteceu novamente.

— Angela, então... Vou me casar! E não vai dar para você vir com a gente.

Foi assim que fui morar no Paineiras, que muitos chamavam de Barreirinha, em um quarto com minha tia Dirce, um dos poucos parentes que moravam em Curitiba. Logo

depois, uma amiga da igreja me arrumou um trabalho em que eu cuidava da limpeza da casa e de uma menina linda. Seguiu-se a rotina, mas eu já não podia ir à escola e perdi o ano. Fiquei um bom tempo nessa casa, até que não precisaram mais dos meus trabalhos.

Outra amiga da minha tia me arrumou outro trabalho, era na casa de um casal no Boa Vista. Eles tinham acabado de adotar um menino e eu fui contratada para cuidar dessa criança linda, que até hoje me lembro do jeito carinhoso com que me olhava. Nessa época voltei a estudar, o que me deixava muito feliz, porque sempre gostei e sempre fui uma boa aluna. Fiz o famoso supletivo lá na escola Ângelo Gusso, na conhecida Anita Garibaldi, no Bairro Boa Vista. Consegui terminar a antiga oitava série e já estava com 15 anos.

Mas como tudo tem seu tempo ou não tem, meus patrões resolveram se mudar para Florianópolis, fui convidada a ir junto, mas fiquei com medo. Outra cidade, mais longe de minha família... resolvi ficar. Eu já morava com a amiga da minha tia, dividíamos o aluguel de uma casa bem próxima à igreja do Barreirinha. Eu, Aya (sim, é este o nome) e a Rosimar. Fui em busca de outro emprego e, conversa vai, conversa vem, arrumei trabalho com outra família em outra vila no Boa vista, mas tive que parar de estudar novamente.

Nesse tempo, minha tia Dirce, que era a pessoa da família mais próxima, resolveu ir fazer os trabalhos da igreja na Bahia. Nunca me senti tão sozinha, queria muito voltar a estudar, pois tinha um sonho de ser professora um dia, e por isso resolvi ir trabalhar em outra casa, na qual me permitiram estudar. Mais um bairro de Curitiba, o Seminário, onde eu cuidava dos trabalhos da casa e estudava à noite lá na Vicente Machado, no colégio Júlia Wanderley.

Fiz o ensino médio técnico em Administração, foram bons anos, e quando eu estava no segundo ano e já com 18 anos, resolvi que queria arrumar outro tipo de emprego. O curso foi abrindo minha mente em relação às leis trabalhistas e ao que eu queria para meu futuro, os estudos fazem isso com a gente. Então, fui morar novamente com minha prima Jesus, dessa vez no Campo Comprido, nos apartamentos do conjunto Atenas.

Arrumei meu primeiro emprego com carteira registrada. Onde? Sim, no McDonalds do Shopping Cristal, no Batel. Foram seis anos de trabalho, mas nesse meio tempo, conhecendo o carnaval de Curitiba na Marechal, conheci um homem lindo, cheio de sonhos, que me encantou e logo se tornou meu marido. Terminei o quarto ano do técnico em Administração com meu filho João na barriga.

Fomos morar no bairro Boa Vista, não aquele que já morei, mas o que fica em Campo Magro, divisa com Santa Felicidade, e como boa "curitibana", sempre falava que morava em Santa Felicidade. Construimos uma casinha no terreno de minha sogra, onde moramos por um ano, até minha tia Dirce nos convidar para morar no terreno que ela tinha conseguido pela Cohab. E lá fomos nós para mais um bairro, ahhh... oTatuquara.

Construímos nossa casinha e fomos vivendo nossa vida de família quando, dois anos depois, veio mais uma filha, a lasmin. Arrumei outro emprego na famosa Risotolândia, trabalhava na escola servindo o lanche. Lembra que falei lá no início sobre o meu sonho de ser professora?

Meu marido trabalhava com pintura predial, trabalhava muito. Sempre tive medo por ele ficar pendurado na cadeirinha, lavando e pintando prédios.

2002 foi o ano em que aconteceram as coisas mais marcantes da minha vida. Tive minha caçula, Isabeli, e quando ela estava com dois meses, uma fatalidade aconteceu, meu marido foi atropelado na volta do trabalho e acabou falecendo.

Momentos de muita tristeza e de grandes desafios, como lidar com três filhos pequenos e sozinha?

Nesse tempo, recebi auxílio de familiares, amigos e vizinhos maravilhosos que considero muito. Passada a tristeza e a depressão, decidi que iria prestar concurso. Como já estava trabalhando na escola entregando o lanche, fiz concurso para inspetora e para educadora na Educação Infantil, passei nos dois e escolhi trabalhar como educadora.

As coisas começaram a melhorar, fui trabalhar em um Cmei próximo e tudo deu certo em relação aos horários dos meus filhos. Recebi o dinheiro do seguro DPVAT e comprei o terreno da minha tia, onde já morava. Assumi a Cohab e, por insistência das amigas, voltei a estudar. Desta vez, Pedagogia na modalidade EAD. Nas loucuras da minha vida, resolvi que num mês eu pagaria a Cohab e, no outro, a faculdade. Ledo engano...

As contas viraram uma bola de neve, claro, e no último período tive que trancar a faculdade. Fiquei pagando a Cohab até me estabilizar novamente, mas sempre com foco em me formar. E, finalmente, consegui voltar e concluir o curso. No mesmo ano, prestei concurso para Docência I, "meu sonho de professora", lembra?

E foi assim que terminei a faculdade de Pedagogia e assumi o cargo de Professora em uma escola no bairro CIC.

Hoje, tenho 43 anos, trabalho no Cmei Monteiro Lobato e na Escola Municipal Darcy Ribeiro, a quinze minutos de minha casa na vila Santa Rita, no Tatuquara. Sou tutora de Pedagogia na universidade UNOPAR. Tenho duas pós-graduações pela UFPR e estou me preparando para o mestrado. Também sou coordenadora de um bloco de Pré-Carnaval, o Bloco Afro Pretinhosidade. Meus filhos estão crescidos e tenho um neto lindo chamado Murilo.

Ahhh... Curitiba! Que vivências maravilhosas, quantos bairros, quantos anos reclamando do clima e brigando quando os outros falam mal. Vida bem vivida!



